

BRASIL-PORTUGAL

16 DE MARÇO DE 1899

Maria Guerrero



A primeira actriz de Hespanha



Chronica Electrica

A morte de Faure. A doença do Papa. Aqui estão dois acontecimentos de ordem internacional succedendo-se n'um período de curtos dias. O primeiro foi uma surpresa cabindo de choferes sobre a Europa, á qual interessa tão profundamente a vida da França. O segundo não surpreendeu mas assustou. Quasi nonagenário, o Papa é uma das mais nobres, das mais altas figuras do século. Philosopho, estadista, diplomata, escriptor, poeta, o extraordinario velho que preside á Egreja, sustenta na mão enrugada, tremula mas enérgica, quem sabe se os destinos d'essa instituição vinte vezes secular, d'esse edificio moral, de cujo alceitor elle é a pedra fundamental!

Com uma sciencia que excede os limites de toda admiração, um golpe de vista que aos mais altos politicos faria inveja, e uma attitud que tem da humildade christã e da dignidade intrinseca o bastante para engrandecer um caracter e afirmar um talento, o Papa é o supremo conciliador de todos os conflictos que perturbam o mundo moderno, o elo venerando que liga á tradição do passado as aspirações do presente, o pendulo seguro da balança social, em que se pesa com as ambições irrequietas de uma sociedade instavel e convulsa a necessidade imperiosa de não quebrar de subito e de improviso o que os seculos e as gerações foram a pouco e pouco desenvolvendo e fiando. E porque a doença do Papa em idade tão avançada podia ter um desenlace que viesse socialmente deslocar o centro de gravidade, e perturbar o equilibrio indispensavel para que ao passado e ao futuro não sejam arbatoados direitos que lhes pertencam, d'ahi o receio, o terror que de muitos espiritos se apoderou ao primeiro rebate da doença de Leão xii.

Dentro de poucos mezes vai findar o seculo. E' justo que quem foi o seu companheiro de infancia o não desampare nos ultimos dias da sua existencia attribuida. O Papa tem de assistir aos derradeiros momentos d'este agonisante, ouvir-lhe de confissão a narrativa das suas virtudes e dos seus peccados, e, em vez de dizer como o poeta:

Ce siècle est à la barre et je suis son témoin

praticar o acto christão de lhe perdoar todo o mal que elle fez.

Desviando-nos para outro caminho, hão de concordar que para o governo portuguez, ou melhor, para a sciencia da administração publica, ha uma coisa mais difficil e mais escabrosa que a questão dos credores externos, a questão do convenio, a questão da reforma do exercito, a questão do pariato do sr. ministro da guerra, que todas as questões emfim, de todas as pastas, de todas as precedencias e de todas as naturas: é a questão da nomeação de ministro nosso para o Brasil. De tudo o governo capaz: de comprehender os interesses de conseguir que se diga do thesouro: «Não ha fome que não dê em farras de fazer director geral o sr. João Chagas, de acabar as obras de Santa Engracia, de inventar um elixir de longa vida... ministerial, de convidar o sr. Alves Corrêa para presidente ou do conselho ou da Republica, de achar razão ao sr. João Franco, mas, nomear ministro para o Brasil... tó carocha.

O que ha simplesmente de vez em quando são rebates... falsos. Ha nomes a dar com um pau candidato que é um louvar a Deus. E' já interminavel a lista. O ultimo da serie é o senhor Rebates Garcia, que, com Paris a chamal-o de um lado e o Rio de Janeiro do outro, já não sabe para onde se hade voltar.

A questão é esta: o sr. Beirão não ata nem desata, mas o que é verdade é que esta irresolução pode ser absolutamente providencial.

Não se pode dizer que venha aqui a proposito o caso da velha que de um rei muito mau dizia todos os dias nas suas orações «Nosso Senhor o conserve», e um dia, perguntando-lhe alguém porque desejava ella a conservação de tal rei, respondeu: conheci o avô, era muito mau; conheci o pae, ainda peor; isto é peor que os dois; que será agora o que está para vir?

Não é applicavel o *cuento* porque entre um rei mau e um excelente encarregado de negocios não ha paridade. Em todo o caso, vem a pélo a citação para justificar a phrase acima escripta sobre ser providencial a irresolução do nosso ministro dos estrangeiros.

A frente da legação portugueza no Rio de Janeiro está um homem novo que, por acaso, o que honram e ao paz aproveitam, parece amadurecido na experiencia. Tem-se mantido com elevação no seu posto provisório, estimam-n'o os brasileiros, querem-lhe os portuguezes, e eis um caso em que o provisório pode valer mais que o effectivo, e ser mais util á sua patria um encarregado de negocios que um ministro representante.

O cambio do Brasil

Vejam se ha nada mais inconstante, se ha hoje coisa que faça mais lesões do coração! Ha pouco tempo a 8 e 7/8 por um triz não entra nas casas dos co's, e aqui ha dias sempre recuando, recuando, chega a 7, invade a casa dos 6, e por este andar está aqui está unha e carne com o 5! Isto não pode tolerar-se, isto amofina e rala tantos milhares de pessoas que estão a olhar, como para o porto de salvação, para o cambio do Brasil! E querem saber onde este despota faz mais destroços? E' no sexo fragil, creiam.

Ea sei de muitas formosissimas que estão ha uns poucos de annos, dia a dia, hora a hora, esperando que o cambio suba dois pontos para darem o no matrimonial. O amor, á modola, o desejo, tudo lhes sorri... menos o cambio. O pae não disse que não, a mãe deu o sim, o coração ordena... mas o cambio não dá licença... E ell-o ahi, esse

mofoño cambio, hirtó, despótico armado em tyranno, transformado em verdugo. Ella, a pobre victimã, lagrimas a escorrerem-lhe dos olhos polidos pela febre, e peito offegante, soluços na voz, uma ancia em todo o ser, humilde, supplicante, diz ao seu despota, ao seu czar: «Meu senhor, poderoso cambio, porque é que Vossa Magestade se não digna subir mais tres, mais dois furô pelo menos? Porque é que Vossa Magestade não cresce na proporção do meu amor? É a mocidade a esquentar, e o desejo a impôr-se, e o tempo a correr, e elle o maldito, estacionado, nem para trás nem para diante, firme como uma rocha! E se ella, a pobresita, se mirrar e morrer, quem haverá ahi que lhe não chame assassino! Já veem, gentis leitoras e carissimos leitores, que só o cambio, que não enche uma linha, dá uma multidão de tragedias, das quaes não seria esta a mais terrivel.

Conjuremo-nos todos portanto contra o despotismo do cambio, que ao geral cêro de imprecações se associa de todo o coração o

Brasil-Portugal

Maria Guerrero

A HESPAÑIA tem o seu theatro, original e pittoresco, profundamente tipico, alheio a todas as innovações da moda, e não podia mesmo deixar de o ter uma nação que, nas provincias em que se divide, manteve em todos os diferentes costumes da sua vida, do seu trajar, e dos seus habitos, um caracter inconfundivel. Raros são hoje os paizes que conservam tão characteristica originalidade, não só no idioma como na vida dos povos que o compõem. Pôde até dizer-se que nenhuma outra nação, como a Hespanha, é mais fiel ao seu passado.

Atravessando as varias cidades hespanholas, o viajante encontra, de povoação em povoação, uma certa originalidade que o prende, sempre uma novidade que o attrae e o impressiona. Madrid é uma capital alegre e buliçosa, mas Madrid é uma cidade moderna, transformada pelo requiz de elegancia e do bom tom t'uma cidade que ha muitas na Europa. Não succede o mesmo ás outras Hespanhas. Todas guardam o seu *cachet* especial, e o que impressiona em cada uma d'ellas é exactamente o pittoresco dos seus costumes.

O theatro moderno, desde o francez que é o mais conhecido de todo o mundo civilizado, até ao scandinavo, que lisen tornou celebre, ajusta-se ao sentimento das plateias de todo o mundo, porque fere em geral os sentimentos que animam a humanidade. O que elle tem de characteristico não é o que perence ao seu paiz; mas antes o que predomina na feição litteraria dos seus escriptores. Com o theatro hespanhol não succede o mesmo, se exceptuarmos algumas, poucas, produções dramaticas.

E por isso mesmo que a corôa aurea de triumpho que assenta sobre a cabeça gentil d'essa grande artista que Lisboa vai admirar, dentro em poucos dias, e que por certo o Brasil terá tambem muito breve o prazer de apreciar, é duplamente maior.

Maria Guerrero, ao se apresentar a primeira actriz moderna de Hespanha, ao fingindo, no seu modo de ser artistico, ao convencionalismo falso que characterisava até ainda ha poucos annos a arte dramatica hespanhola, possuindo, como poucas actrices modernas, o encanto de uma formosura typica e de um talento perscrutador de todos os segredos do coração humano, o seu triumpho theatral é hoje completo depois do baptismo que lhe deram a Italia e Paris, aquella a patria por excellencia da Arte, mas esta, a mãe incontestavel e incontestada da arte moderna de representar. E quando um artista qualquer, mulher ou homem, falta a esta lingua de estrutura, que exige impor-se, e que o seu talento é muito grande e na sua arte se encerra toda a verdade do sentir humano.

A sua *tournee* pelas principaes cidades latinas foi um constante triumpho, não só para ella, mas ainda para seu marido, o primeiro actor hoje da companhia de Guerrero, D. Fernando Diaz de Mendoza, cujo inicio na arte cedeu apenas a uma forte disposição para a scena, revelada constantemente em theatros de salões aristocraticos. Pôde não se nascer sobre, nem fidalgo, mas morrer-se artista. E Diaz de Mendoza recebeu a um tempo dos seus antepassados um nome fidalgo e tradições gloriosas, e de arte uma consagração mais brilhante ainda. E aqui tem como a simples principante de theatro, a Maria Guerrero, e genti *niña boba* de Lope de Vega, a apaixonada Martha da *Tierra baja* de Guimera, a ingenua Mariquita d' *El café* de Moratin, a *coquette* Maria da Carmen, a Cleopatra, ella, Rainha da scena hespanhola, será amanhã na vida real a marquiza Fontanar, condessa de Lalanig, condessa de Balazote, esposa de um grande de Hespanha, que pagou ao paiz a grandeza que lhe deu n'um titulo com a grandeza que elle lhe dá na arte.

Maria Guerrero revelou-se a extraordinaria actriz, que hoje é, no personagem quasi phantastico de D. Iñez do *D. Juan Tenorio*. D'ahi da o seu primeiro triumpho, e depois d'elle, tanto os outros se tem seguido na interpretação não só do grande repertorio dramatico estrangeiro, mas especialmente do theatro dos melhores actores hespanhoes, antigos e modernos, Sellés, Galdós, Cano, Guimera e Felix, e, acima de todos elles, Echegaray. Quantos caracteres, quantos personagens, quantas posições distinctas, quantas esbarras de vida social, ella tem tocadas com o seu talento, no maleavel! quantas vezes esse talento tem convertido a scena de maior perigo na scena de maior triumpho!

As suas recitas em Paris marcaram epoca, e para quem conhece a critica franceza, e assiste á prodigalidade de elogios com que ella applaudiu Maria Guerrero, percebe logo que está em face de um temperamento artistico extraordinario e de uma organização intellectual superior. Os palcos de Paris até ha pouco raramente accessíveis aos artistas estrangeiros registram hoje com louvor a primeira triumpho phal da Duse, de Novelli, e de Maria Guerrero. D'estes tres grandes actrizes o unico que Portugal — e cremos poder dizer outro tanto do Brasil — não conhecia, era a Guerrero, cujas recitas se inauguraram, a 1 de abril, no elegante theatro D. Amelia, de Lisboa.

Galeria da Imprensa

GAZETA DE NOTÍCIAS, do Rio de Janeiro

DR. FERREIRA DE ARAUJO

(DIRECTOR)

ESPADEADO, fronte elevada, olhar vivo e intelligente, phisionomia franca e aberta, feições accentuadas, o illustre director da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, jornalista dos mais brilhantes do Brasil, tem sido um forte na pura acção da palavra. Espirito culto, tendendo na sua feição predominante á ironia mordente, imaginação um tanto poetica, elle é o verdadeiro typo do jornalista moderno, moldando-se pela maleabilidade da sua intelligencia a todos os generos, desde o artigo politico cheio de argumentos, até ao folhetim ligeiro cheio de graça.

O talento é a materia prima para toda a grande obra de arte. Mas o talento procura tambem uma base firme em que assente — o estudo — e esse tinha-o Ferreira de Araujo quando, cedendo ao seu temperamento de artista, entrou na imprensa trazendo na bagagem um curso superior e uma boa educação litteraria.

Filho de um industrial honrado e bom, intelligente e activo, o pae teve decidido empenho em fazel-o medico, e elle, docil e complacente como todo o bom filho, fez-lhe a vontade, conseguindo que o pae tivesse a satisfação de o ver formado na idade em que todos os outros geralmente



Ferreira de Araujo

costumam principiar o curso. Mas o prosaismo scientifico do medico deixou-se de quando em quando envlar pela musa das letras; e seu espirito jovial e satyrico deveras obrigava-o a fugir para o jornalismo; e em breve assumindo a direcção da *Gazeta de Noticias* transformava por completo o jornal, tornando-o um dos primeiros do Brasil.

Francamente democratista, sem os exageros de jacobinismo, conviamente liberal, mas liberal pela ordem, não esperou o glorioso decreto da condessa d'Eu, para attestar o seu respeito pela humanidade, e ainda, quando poucos acreditavam que essa tarefa seria levada a cabo pelo coração delicado de uma princeza, que antes do tudo era mulher e era mãe, José Ferreira de Araujo encheu nas columnas do seu jornal, com o grande enthusiasmo de todo o coração bem formado em face de um ideal de justiça, uma campanha decidida a favor do movimento abolicionista que começava então a esboçar-se e que elle animou, incitou e fez triumphar.

Partidario das instituições que o Brasil hoje tem, o que não quer dizer que o seja sempre dos homens que o governam, a sua penna e o seu jornal tem estado até agora, um e outro, ao lado dos bons principios de administração seria, de politica elevada e de soberania nacional.

LINO D'ASSUMPÇÃO

(CORRESPONDENTE EM LISBOA)

É o correspondente em Lisboa da *Gazeta de Noticias*. Conhece o Brasil e as suas coisas como poucos portuguezes, porque viveu longos gnos annos em algumas das principaes cidades da America do sul, onde criou sinceras affeições que ainda hoje recorda com saudade.

O seu nome foi conhecido primeiro do que a sua phisionomia, no nosso meio litterario contemporaneo, e quem ha annos o encontrasse pela primeira vez no palco do Gymnasio, uma bella noite, julgaria que o tinha conhecido sempre, por tal forma os seus escriptos lhe desenhavam o temperamento artistico e a feição do seu caracter litterario.

Então abriu banca de trabalhador no seu país. Nomeado, ao erar-se a inspecção das nossas bibliothecas, para o segundo logar, hierarchicamente falando, Lino d'Assumpção dedicou-se deveras ao desempenho d'esse cargo de responsabilidade a cujo serviço tem prestado os maiores diuvellos do seu trabalho. E assim é que occupando na ausencia prolongada de Antonio Ennes, seu amigo muito intimo, o logar de Inspector General, tem sabido com uma actividade digna de um filho do norte e ao mesmo tempo de um patriota eximio, honrar a um tempo o serviço da inspecção das bibliothecas, hoje maravilhosamente organizado, e a historia do seu país, arrancando da poeira dos archivos muitos episodios esquecidos, a que o seu talento de escriptor tem sabido dar vulto e publicidade.

Sobre ser um antigo jornalista de merito, e n'essa qualidade acompanhou Antonio Ennes enquanto elle dirigiu o *Dia*, cultivou com exito o romance historico e é um escriptor theatral de nomeada.



Lino d'Assumpção



POETAS E PROSADORES

(Perolas Dispersas)

ARIA NOCTURNA

Da janella, em que, olhando para fora
Bebes da noite o incenso em longos tragos,
Claro escorre o luar... em sonhos vagos,
Atraz da sombra espreita, rindo, a aurora.

Longe uns doentes, musicos afagos,
Sentes?... Não é o rouxinol, que chora
Nas balsas, nem o vento que desthora
A toalha frissima dos lagos...

E' elle; e vaga toda a noite, emquanto
O luar macilento e o campo floreo
Tresuam mole e perfido quebranto...

Não lhe ouças, filha, o canto merencorio!
Fecha a janella e fuge, que esse canto
Vem da guitarra de D. Juan Tenorio!

Mat secreto

Se a colera que espuma, a dôr que mora
N'alma, e destroe cada illusão que nasce,
Tudo que punge, tudo que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espirito que chora,
Ver atravez da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa!

RAYMUNDO CORREIA.

O PRESIDENTE LOUBET



A mãe de Loubet

Essa sympathica velhinha de 86 annos, que os leitores estão vendo dentro do seu trajar simples e aldeão, é a mãe do actual chefe de Estado em França. Viveu sempre na casa onde seu filho nasceu, e que fica distante a kilometros de Marsanne, a cuja porta ella veiu ha dias receber o telegramma do neto, dando-lhe a grande noticia da eleição do filho para a Presidencia da Republica. Recebeu-a com uma tocante melancolia, que não escondeu de nenhum dos reporters, que logo n'esse dia a atormentaram com perguntas curiosas.

Essa casita alegre e risonha, accentuadamente campestre, fica isolada no fundo de um vallado. Formam-na dois corpos, cujos pavimentos rusticos são occupados: o terreos, com o gado, e o primeiro andar com os aposentos da sua proprietaria. E o pateo, muito animado, onde passeiam os porcos, as ovelhas, as cabrinhas, illuminados pelo alegre sol do meio dia, revela o labor constante d'aquelle que tem consagrado toda a sua vida aos trabalhos rusticos, e cujos momentos felizes da sua longa e serena existencia eram aquelles em que o filho ia com ella partilhar as alegrias placidas do campo. Ah!, n'esse pequenino torrão da França, Loubet é adorado. Não tinha subido ainda aos fastigios do poder e era a honra e a gloria do povo de Marsanne, era o grande homem d'essa risonha povoação, o patricio illustre assumpto obrigado das conversações assiduas e invariaveis do cura, dos camponezes, e do maire de Marsanne, que se desvanecia ao lembrar e repetir que teve por antecessor aquelle que é hoje o Presidente da Republica. E podia quasi affirmar-se de antemão que um dos dias felizes, porventura o primeiro na existencia do chefe do Estado, será aquelle em que Emile Loubet, deixando as ostentações do palacio presidencial vá descançar das fadigas do mando n'essa casita rustica em que a sua infancia deslizo serena, no lado d'aquelle que é o maior contentamento da sua gloriosa vida.

Comparando-se as feições de Loubet com as de sua mãe, encontra-se-lhes uma extraordinaria semelhança.

A VOLTA de Versailles é a primeira solemnidade do Presidente eleito. Esse landau descoberto, que a nossa gravura representa, conduzido por soldados de artilheria, com os seus capacetes reluzentes, e escoltado por couraçados, espera—à porta d'esse palacio de fadas que tem sido theatro dos mais extraordinarios espectaculos desde as festas sumptuosas de Luiz XIV até ás eleições renhidas dos Presidentes da Republica—o novo chefe do Estado que a magna assembleia ha-de eleger. Lá dentro a animação é grande, mas não é positivamente a sala da sessão, apesar de uma ou outra peripetia politica cortando a severidade do acto eleitoral, que apresenta o aspecto mais curioso. O pittoresco d'essa reunião suprema de deputados e senadores, representantes d'essa França ruidosa e brilhante que ha tantos seculos enche o mundo intellectual com a historia da sua litteratura, esse pittoresco encontra-se principalmente nas salas contiguas, onde se reúnem os grupos, se commentam os acontecimentos, se discutem as probabilidades, se combinam os accordos, e se fala, e se grita, e se vocifera, e se ri, e se applaude, e se protesta—salas em que cada politico vae escolher a lista que ha-de lançar na urna, de onde dentro em pouco pôde sair chefe do Estado um homem intelligente ou um tolo, um bom ou um mau, um soldado ou um advogado, um financeiro ou um juriconsulto, alguém que tanto pôde vir dos campos de batalha, chamando-se Mac-Mahon, como das fabricas do Havre, chamando-se Felix Faure.

Loubet veiu mais de perto, hierarchicamente falando, porque veiu da Presidencia do Senado. A' altissima magistratura de chefe do Estado ascendeu quando a primeira assembleia politica do paiz o tinha investido já das honras de seu presidente, director dos seus trabalhos e dos seus debates: mas para a politica da França veiu de longe, d'esse recanto alegre do meio dia, onde uma velhinha, simples guardadora do seu rebanho de ovelhas, apparece de repente mãe do chefe do Estado. E veiu de lá depois de atravessar com passo firme as escolas onde se doutorou, os tribunales onde deixou indeleveis primores da sua oratoria forense e traços do seu valioso conselho juridico, as camaras onde se distinguiu especialmente pela apreciação exacta das leis que profundou mais como scientifico do que como politico, e os palacios ministeriaes, cuja propriedade lhe pertenceu por vezes, n'esses vae-vens da politica. E, coisa curiosa a notar na vida de Loubet: desde a sua primeira eleição para deputado até esta para Presidente da Republica, elle tem sido sempre o escolhido das grandes maiorias.

Uma vez o escrutinio terminado, e apurados os votos de cada um, o Presidente do Senado, que é o presidente nato da grande assembleia legislativa, proclama o novo presidente da Republica, o qual, acto continuo, recebe do chefe do gabinete os poderes que provisoriamente elle havia assumido como Presidente dos ministros. Esse acto não se realisa na sala principal, mas n'uma outra contigua, uma pequena sala gris e ciro, com estofos de damasco e seda encarnada. Desce o eleito os doze degraus da escadaria de marmore que vem ter á sala Marengo, sahindo pela chamada galeria dos tumulos.

A' frente vêm dois continuos do Senado, fardados, e logo a seguir o Presidente eleito, á esquerda, um pouco mais atraz o Presidente do conselho seguido por todos os seus collegas do ministerio, o Presidente e os secretarios das duas camaras. A' sua applicação na galeria, um regimento de engenharia apresenta armados o chefe do Estado sobe para o landau, em companhia do chefe do governo. Os outros ministros seguem-o nas suas carruagens.

E' assim que esse prestito, sempre esperado com ansiedade e com interesse pela população de Paris, entra na capital em direcção ao Elyseo.

Durante esse trajecto, um pouco longo, tem então o novo eleito tempo para fazer passar pelo seu cerebro toda a enormidade das responsabilidades que assume. E n'essa hora, muito mais duradoura que o celebre quarto de hora de Rabelais, que diversidade de pensamentos devem ter acudido ao espirito de Loubet! Iriamos apostar que um dos primeiros foi de saudade por essa casita simples de Marsanne, uma recordação de affecto e de amor por essa boa octogenaria que recolher, ás Ave Marias, o seu rebanho, não sabia por certo ainda qual o nome já illustre de seu filho se espalhava por todo o mundo como o de Monsieur le President.



Madame Loubet

A esposa do actual presidente da Republica franceza, Marie Denis, tem hoje 47 annos e é filha de um negociante de ferro, de Montilienne, fallecido em 1879. Apesar de se ter dedicado exclusivamente á vida simples de familia, madame Loubet manteve-se, no emtanto, nas recepções que seu marido teve de dar como ministro e como Presidente do Senado, sempre de uma correcção irreprehensivel e de uma gentileza unequalvel.

Tem hoje dois filhos, e uma filha casada com o juiz do tribunal de Marsella, M. Soubeyran de Saint Prix. A' felicidade dos filhos e do marido, pelos quaes tem extremos de dedicación, consagrou m.ª Loubet toda a sua vida burgueza e simples, despida de artificios, passada sempre no meio de uma mediania honesta.

Nem as pompas nem as grandezas do poder exercem influencia no seu coração ou no seu espirito, e a esposa do Presidente da Republica ha de ser dentro dos sumptuosos salões do Elyseo a mesma creatura modesta e boa que era em Montilimart quando seu marido era o idolo de toda a população.

Loubet deixando Versailles

Relações commerciaes de Portugal

II



Conselheiro Mattoso Santos

CONTINUAREI por enquanto a considerar períodos anteriores e posteriores a 1891 sem fazer correção alguma nos valores estatísticos. A critica e interpretação d'estes valores será mais facilmente comprehendida e melhor justificada depois de devidamente ordenados e classificados. O nosso movimento de escala, em contos de réis, de 1888 a 1896, exprime-se por estes n.ºs:

	1888	1889	1890	1891	1893	1893	1894	1895	1896
Reexportação.....	5324	6989	6936	7456	8744	9914	10452	9094	8174
Baldeação e transitio.....	3959	2517	4174	8149	2799	2162	1163	2081	2851
	9283	9499	11110	15605	11543	12076	12415	11095	11025

Já vimos que as nossas exportações cresceram no período de 1891-96, e cresceram de modo sensível, e que as importações diminuiriam importantemente.

A tres causas se deve attribuir isto: a protecção directa e indirecta dada á industria nacional pela pauta de 1892; aos effeitos do cambio, estes com dupla influencia — desvalorização da nossa moeda, a variabilidade d'esta desvalorisario, e ao menor credito dos nossos fundos. No mal ha por vezes alguma coisa de bom, que se deve aproveitar, mas conhecendo-lhe o vicio de origem e precavendo-nos. Utilize-se a tendencia, mas não se supponha viril o que apenas va em caminho da adolescencia, não se desampare o effoco que se inicia. Seria grave imprevidencia esquecer que começamos tarde, que é de natureza timorato o capital e fraquissima a nossa iniciativa particular, por indole e talvez por tradição. O habito de recebermos, sem esforço nem canceiras, as riquezas que nos vinham do oriente e occidente infiltrou-nos nas veias um mortifero torpor economico. Ao acordar encontramos um mercado interno de pequena capacidade de absorção e incerto, por descurado, o que poderiamos obter nos mercados externos. Carece amparado e muito amparado este desabrochar do trabalho nacional, esta boa vontade que parece orientar os capitais em fins economicamente mais uteis do que as capitalizações em fundos publicos.

Apontarei em confirmação do que fica dito o caminho feito por algumas das nossas industrias:

Anno	Exportação (valor em contos de réis)									
	Cortiça		Algodão Tecidos			Peixe em conserva de azeite		Vinhos		
	Em bruto e em quadros	Em rollas	Crus	Tintos	Em obra	Puro e Madeira	Consumos	Total		
1886.....	866	2.160	457	7	33	18	721	7.977	6.227	16004
1887.....	1.885	2.117	492	8	38	24	569	3.586	5.774	11359
1888.....	1177	1.957	569	369	24	24	864	6.211	6.775	12969
1889.....	625	2.027	810	3	39	29	662	6.677	5.848	12525
1890.....	691	2.353	718	3	55	28	975	6.881	4.097	10.978
1891.....	602	2.302	697	69	59	39	4137	7.151	3.665	11122
1892.....	607	2.427	649	63	105	47	1023	6.327	5.084	14431
1893.....	658	2.204	738	213	84	39	938	6.632	4.924	11260
1894.....	1.066	2.510	775	389	79	481	765	6170	3.679	9840
1895.....	2.319	2.836	813	391	300	127	1.084	7.977	4.115	11702
1896.....	2.519	2.863	757	415	105	128	1.050	6.890	4103	10983

Animaes vivos. — E' principalmente com a Hespanha este nosso commercio. Exportamos para ali no valor de 2.000 contos de réis contra 1.500 que importamos, isto é, um saldo de 600 contos, principalmente em gado caprino, cavallar e lanigero. Ainda, apesar de tudo, conseguimos collocar para mais de 200 contos de gado vaccum em Inglaterra, o que vem a ser aproximadamente equivalente ao deficit que temos para com a Hespanha n'esta especie de gado. E digo apenas de tudo, porque não quero, por ser contrario ao seu regimen economico-fiscal e por — como paiz pratico — o reputar inefficaz — recorrer a imposições pautas, que pretendo a Inglaterra o seu commercio e produção colonias, estorvando, quasi até impedirla, a entrada de gado bovino sob pretexto de supostas epizootias.

Equamente em por vezes procedo a Hespanha, com os lazaretos para o gado suino, lazaretos em que as despesas que n'elles se fazem são quasi prohibitorias para a importação lá d'este gado, de resto isento de direitos pelo nosso tratado com aquella paiz.

E foi para as nossas provincias do norte muito sensível a limitação do mercado inglez para o gado bovino. Enfraqueceu a chamada recreação, fonte de importantes redditos para as classes rurais d'aquellas provincias. Importavam de Hespanha gado novo, aproveitavam-lhe a função do trabalho e lucravam ainda depois na venda pela supervalorização que lhe dava a seva.

Cortiça em bruto ou apenas preparada. — Os paizes para onde exportamos principalmente d'estas mercadorias são: Cortiça em aparas — Inglaterra (75 %), Belgica (18 %), Cortiça em bruto — Hespanha. Cortiça em pranchas — Allemanha (30 %), Inglaterra (20 %), Estados Unidos da America do Norte (15 %), Suecia, Hollanda, Hespanha e Dinamarca (4 a 5 %). Cortiça em quadros — Inglaterra (60 %), Suecia e Noruega (30 %). Cortiça em rollas — Inglaterra (55 %), Allemanha (20 %), Brasil (15 %), Belgica (5 %).

A crescente exportação da cortiça, dadas as condições d'essa exportação se, vantajosa, não que exprime com respeito á produção, não pode ser tomada sem reservas. Nem tudo que luz é ouro; e o ouro mesmo que isto representa aproveita menos á economia do paiz do que deveria aproveitar. Todos os paizes, cujo consumo mais nos pediam rollas, começaram a fabrical-as e, portanto, a crear proteções pautas, elevando os direitos da cortiça em rollas desproporcionalmente ao da cortiça em prancha e em quadros. A America (que não figura nas nossas estatísticas como paiz destinatario visto receber-as por via da Inglaterra) seguiu-se a Allemanha. Assim é que ha annos tende a declinar de mais em mais o fabrico da rolha em Portugal, tirando estorvao o lucro de materia prima nosa. Difficil de remediar é isto. O fabrico mechanico vence o fabrico manual. se não em perfeição, em barateza; isto junto a onerosos encargos aduaneiros nos mercados consumidores deixa-nos indefesos na concorrência. Reter a materia prima seria um expediente, se não fosse meio mais do que arriscado; o prejuizo era certo. Se alguma coisa ha a temer dentro em pouco não é a escassez mas o excesso de produção da cortiça. Innumerous artefactos se inventam todos os dias para substituir a rolha de cortiça; dentro em poucos annos a Argelia virá lancar no mercado quantidades enormes desta materia prima. E', pois, necessario proceder com cautela: por tudo se querer, embora com razão, não haja precipitações que tudo nos façam perder.

Tecidos de algodão. — São a Africa e o Brasil os nossos principaes mercados para estes tecidos: Tecidos de algodão, crus: Angola (85 %), Cabo Verde (10 %), Brasil e S. Thomé e Principe (2 %). Tecidos tintos e estampados: Angola (60 %), Cabo Verde (68 %), S. Thomé e Principe (15 %), Brasil (3 %). Tecidos em obra: Angola (40 %), Brasil (30 %), S. Thomé e Principe (10 %), Cabo Verde (8 %), Hespanha (4 %), França e Mocambique (2 %), Inglaterra e Guiné (1 %).

De todas as nossas industrias é esta, por sem duvida, uma das que maior desenvolvimento tem adquirido em todas as suas variedades: tecelagem, estamparia dos tecidos de algodão e fabrico de artefactos de roupa branco.

Occupar-me-hei ainda de estas industrias que sem provar quanto é falsa a preocupação de que paiz sem materias primas não pode ser industrial. E' tão innocuo isso como o inverso. Temos cortiça e arrasta-se o fabrico das rollas, principal emprego d'esta materia prima; não temos algodão e prospera a nossa tecelagem. E que as condições da propriedade ou não do trabalho, da sua possibilidade ou impossibilidade, não são de caracter geral, mas muito especial, de acção muito restricta e por isso mesmo extremamente variavel com os logares e o tempo. No decurso d'este rapido estudo salientar-se-ha isto até por apparentes contradicções.

F. MATTOZO SANTOS.

Visconde de Taunay

O BRUNDO de uma família franceza, representada hoje em Paris pelo sr. Victor Taunay, o benemerito secretario do Congresso Internacional da Imprensa, era o visconde de Taunay uma das individualidades proeminentes do Brasil.

Dotado de aptidões excepcionaes, escriptor, engenheiro, poeta, orador politico, homem de sociedade, Escragolle



Visconde de Taunay

Taunay honrou o Brasil moderno pelos primores da educação, pela rectidão do caracter e pela diversidade dos talentos.

A sua morte, a 25 de janeiro ultimo, consternou a capital da Republica, e o seu funeral foi a consagração grandiosa do nome e dos serviços que legava á sua patria.

Galeria Internacional

TYPOS DE BELLEZA



Uma Japonesa

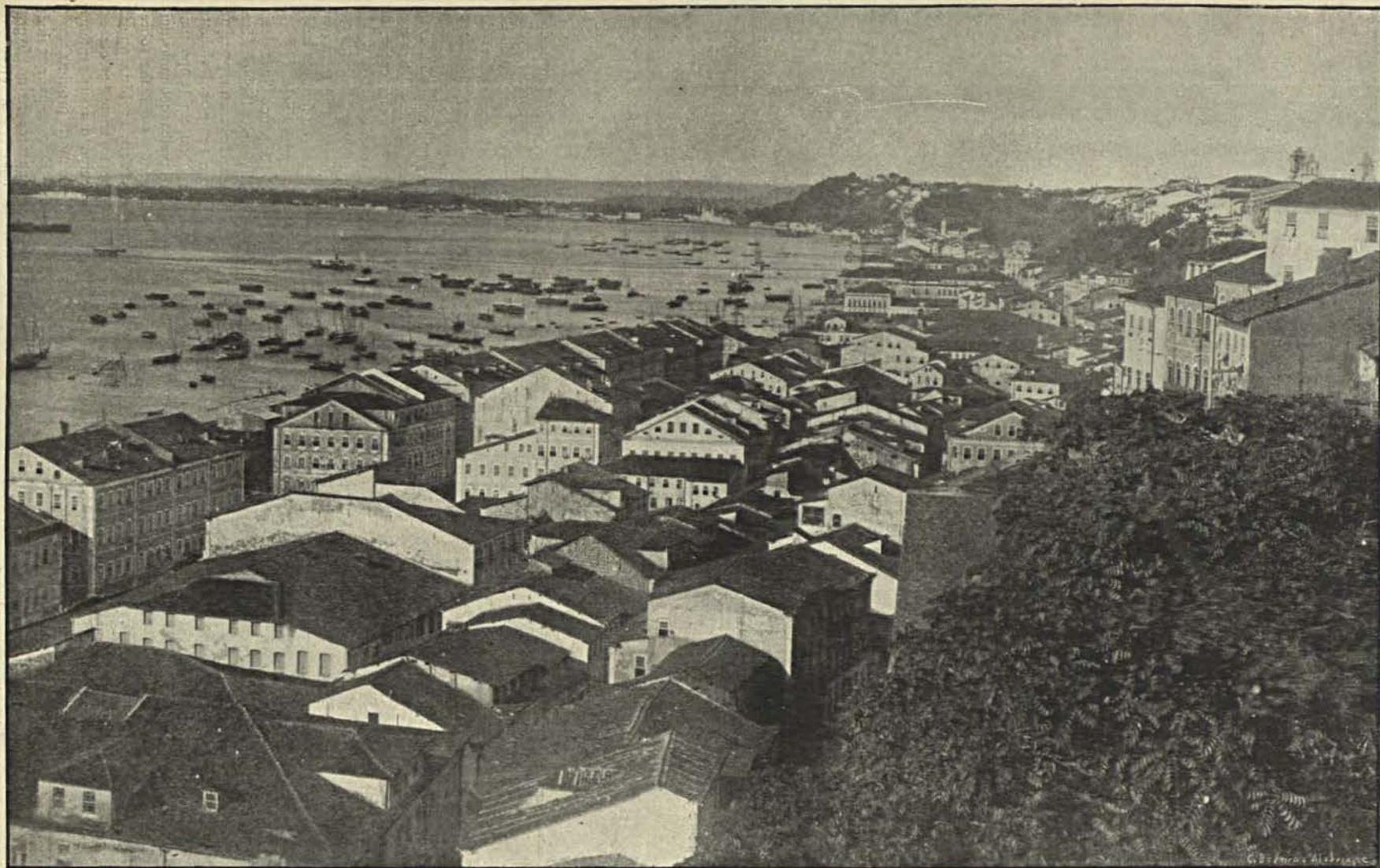


Caes das Columnas — Lisboa

ESTÁ condemnado a desaparecer o velho caes do Terreiro do Paço, chamado Caes das Columnas, pelas duas columnas de pedra, assentes na agua, que lhe servem de remate. São coevas da reedificação de Lisboa, e teem assistido a milhares de festas nacionaes que teem por theatro a formosa bahia do nosso Tejo.

Ha pouco ainda devia chamar-se-lhe o Caes da Columna, porque um temporal violento roubou em tempo uma das velhas columnas, deixando a que lhe sobreviveu, isolada no seu posto, triste e erecta, esperando a sua sentença de morte proxima.

Essa mesma, que ainda apparece na nossa gravura, já não existe...



BAHIA

DATA de 1500 a descoberta do vastissimo territorio da Bahia. Foi Pedro Alvares Cabral que, com a sua armada, no dia 24 de abril, avistou a terra a que deu o nome de Santa Cruz, como foi Christovão Jacques que tres annos mais tarde descobriu a magestosa Bahia de Todos os Santos. E' consideravel a importancia do Estado da Bahia, devida em grande parte á excellencia dos seus muitos portos e rios navegaveis, entre os quaes se destaca o S. Francisco, que vem desde Minas Geraes precipitar-se no Atlantico, e que banha toda a extensa costa de 990 kilometros.

A cidade da Bahia, cuja vista o *Brasil-Portugal* hoje apresenta, constitue só por si um dos centros commerciaes mais importantes da grande Republica Brasileira. Relacionada com todos os mercados da Europa, e mesmo da Africa, com a qual mantem grandes transacções, conseguiu para o seu porto um movimento de navegação, de dia para dia, maior.

Consideravelmente augmentada por successivos melhoramentos materiaes, a Bahia é uma das grandes cidades do Brasil, e pela sua situação e paisagem uma das mais pittorescas d'esse Estado florescente. Encanta a parte alta da cidade, onde o gosto architectonico se tem desenvolvido nos ultimos annos, e de onde se descortinam bellos panoramas.

E' vastissima a colonia portugueza que fez do Estado da Bahia, e principalmente da sua capital, a segunda patria. Pode dizer-se que todo o norte de Portugal ahi está representado. E, para calcular o patriotismo de tantos centenares de compatriotas nossos, basta ver o entusiasmo com que elles accodem ao appello da patria, sempre que ella invoca o nome dos seus filhos ausentes, como ha pouco ainda succedeu, com tanto brilho e com tanto exito, por motivo da celebração do centenario da India.

A bordo do ADAMASTOR—No Pará

A VISITA ao Pará do cruzador português *Adamastor*, sob o digno commando do conselheiro Ferreira do Amaral, deu origem ás mais brilhantes, sumptuosas e ao mesmo tempo cordéas e sinceras manifestações de amizade que possam imaginar-se.

Chegou o *Adamastor* á cidade de Belem, capital d'esse opulento Estado, no dia 30 de Janeiro, e seguiu para Pernambuco no dia 15 de Fevereiro, realisando-se durante aquelle periodo variadas festas em sua honra, qual d'ellas mais significativa do affecto que liga portuguezes a brasileiros.

No dia da chegada uma flotilha de 9 rapazes com varias bandas de musica foi esperar o cruzador ao Mosqueiro, acompanhando-o até ao porto, onde fundeou ás 6 horas da tarde; realisaram-se as visitas officiaes, e em seguida o senador Marques Braga, presidente da commissão central dos festejos, offerceu ao commandante um bilhete d'ouro cravejado de brilhantes saudando a armada portugueza.

A 31, de manhã, effectuou-se a retribuição das visitas, e á tarde o consul de S. M. Fidelissima apresentou a colonia portugueza ao commandante e officialidade do *Adamastor* na grande sala do Gremio Litterario Portuguez, assistindo a este acto o governador do Estado e altos funcionarios.

Nos outros dias realisaram-se diversos festejos, que seria longo enumerar, sendo tambem já conhecidas por telegrammas as provas de gentileza e affecto que os paraenses dispensaram aos representantes da nossa marinha de guerra; portanto citarei apenas a parte dos regimentos estadaes, a sessão solemne, commemorando o centenário do Visconde d'Almeida Garrett, e o banquete offercido pelo Governador no dia 6 de Fevereiro. Em todos os outros dias até á partida houve bailes, concertos, excursões, e visitas a estabelecimentos publicos, no meio do maior enthusiasmo, fazendo-se tambem muitos donativos a institutos de caridade portuguezes e brasileiros para commemorar tal visita.

A significação d'estas festas não se limita simplesmente a indicar o natural contentamento dos nossos compatriotas, ou a affabilidade e cortezia do povo brasileiro; traduz a intima e sincera amizade que liga as duas nações. O illustre Governador do Estado, o dr. Paes de Carvalho, querendo affirmar bem este pensamento, não deu ao commandante e officialidade do *Adamastor* apenas demonstrações officiaes: convidou-os para festas na sua casa particular e em familia.



A bordo do *Adamastor*—NO PARÁ

N'um brinde feito no ultimo banquete dado pela colonia portugueza aos mais distinctos representantes da sociedade paraense, como prova de gratidão á generosa hospitalidade com que recebeu os nossos compatriotas, algum citou estes versos do inspirado poeta pernambucano Castro Alves:

A pomba da alliança o vôo espalha
Na superficie azul do mar immenso

E é com effecto este symbolo de paz e amor que será sempre o mobil de todas as relações entre portuguezes e brasileiros. A bandeira auri-verde e a azul e branca irmanadas em todas as decorações d'essas festas, e flutuando ao sopro da mesma briza de paz e deventura, representavam a mais bella aspiração do futuro — a fraternidade dos povos — não impedindo as liles mercantis as desinteressadas expansões de amizade.

As luctas pela vida, por meios rudes e violentos que sejam, não endurecem o coração do homem, como geralmente se julga: lida-se e trabalha-se muito no Pará, mas todos esses fortes lutadores teem o coração aberto para sentimentos elevados e nobres, que se traduzem em generosas manifestações, como aquellas com que receberam a visita do *Adamastor*.

ADELINO DAS NEVES E MELLO.

À gentileza do illustrado consul do Pará, o sr. dr. Adelino das Neves e Mello, que acaba de chegar a Lisboa, depois de ter tomado parte nas grandiosas festas com que foi celebrada a visita do *Adamastor* ao Norte do Brasil, devemos o feliz ensejo não só de apresentarmos o grupo que se vê na pagina anterior mas tambem de darmos, firmado pelo nome do illustre consul, tão popular em todo o Pará, o artigo descriptivo d'esses festas sem precedentes.

Ao centro d'esse quadro, vê-se a figura sympathica do governador do Estado, o dr. Paes de Carvalho, que tem á sua direita o conselheiro Ferreira do Amaral e o 2.º tenente da armada portugueza Moraes e Castro; á sua esquerda o consul dr. Adelino das Neves e o capitão-tenente Vieira de Sá, immediato do *Adamastor*, ao lado do qual se vê, de pé, o 1.º tenente João Baptista Ferreira.

No segundo plano, a partir da esquerda, os retratos do medico do *Adamastor*, dr. Carvalho Noronha, do aspirante machinista, do guarda-marinha Vaz Guimarães, do 2.º tenente Metzner, do sr. Mattoso, secretario de gabinete do Governador, e do commissario 2.º tenente Jacintho Pennella.

O grupo foi photographado a bordo do *Adamastor*.

Notas da R.

A bahia de Nakala e a península de D. Carlos

QUEM seguir da bahia da Conducia ao longo da costa para o Norte, encontra, depois de andadas trinta milhas, a grande bahia de Fernão Velloso, que se escancara pelo Oeste dentro e que offerece excellentes abrigo principalmente contra os ventos duros da monção do Sul.

Esta vasta bahia, que só tem surgidouro conveniente junto á costa meridional, pois que em grande parte da sua restante área se não topa fundo com menos de 40 braças, é recordada muito irregularmente e apresenta, erguendo-se abruptamente no segundo plano da sua margem occidental, os caprichosos e notaveis picos Loguno e Spinghe que se destacam magestosa da monotonia da costa do primeiro plano, toda orlada de mangaes e praia de areia.

Ao fundo da bahia de Fernão Velloso abre-se ao Norte o porto Belmore, empachado com algumas restingas de pedra na sua entrada; e ao Sul a esplendida bahia de Nakala, que é talvez o melhor abrigo entre os muitos bons portos em que abunda a provincia de Moçambique.

A bahia de Nakala, cuja entrada profunda e limpa não tem mais de meia milha de largo, dilata-se em uma extensão de 10 milhas de Norte a Sul, sobre uma largura média de tres milhas, e chega quasi ás faldas da caracteristica montanha da Mesa. Nesta area de trinta milhas quadradas de aguas azues e socegadas, podem commodamente largar ferro, amparados de todos os ventos, muitos centenares dos maiores navios.

A margem occidental da bahia de Nakala é recordada em varias profundas enseadasinhas pittorescas, bordadas de praias pouco enxutas na maior parte dos casos, o que porventura ter obstado a abrir-se, d'aquelle porto para o sertão confinante com o lago Nyassa, um grande caminho commercial.

A margem oriental pelo contrario ergue-se rapida sobre fundos convenientes e apresenta-se alta e limpa, vestida de opulenta vegetação variadissima.

Em 1833, tendo sido reconhecida a importancia d'aquella bahia formosissima, pensou-se na sua occupação, determinando-se a construção de uma fortaleza na ponta oriental da entrada, a qual recebeu o nome de D. Miguel; mas, ou fosse mau fado do nome, ou outra qualquer circumstancia, o certo é que a fortaleza apenas principiada e a bahia mesmo, foram abandonadas, encontrando-se hoje a muito custo por entre o matagal espesso as ruinas do começo das muralhas.

A península comprehendida entre a bahia de Nakala a Noroeste, Fernão Velloso ao Norte, o Oceano Indico a Leste, a bahia da Conducia ao Sul e o rio da Conducia, ou Sinyude, ao Sudoeste, mede cerca de 264 milhas quadradas, é comparativamente elevada, com margens geralmente livres de insalubres mangaes, e coberta de abundantes matas de mcurusse, ambilla e outras especies florestaes muito apreciadas para construções civis e navaes e para marcenaria.

O esgoto das aguas da bahia de Nakala, constitue um problema geographico curioso que merecia ser estudado rigorosamente, mas que ainda infelizmente o não foi.

Tendo a bahia, como vimos, uma area de 30 milhas quadradas, e sendo a amplitude da maré 4m,27, teremos que, nas seis horas de cada enchente e vasante, entram e saem nada menos de 355 milhões de metros cubicos de agua, isto é, muito perto de um milhão de metros cubicos por minuto! Ora, tendo a boca da bahia uma secção vertical de meia milha por 18m,3 de profundidade media, o que equivale a um jacto de 15.224 metros quadrados de secção no mais alto estado da maré, deveria suppôr-se que a velocidade da corrente da agua

das marés, na entrada da bahia, fosse de 3.840m por hora, ou sejam 2 2/19 milhas, o que realmente se não dá, pois que a dita corrente é escassamente apreciavel.

E' licito pois conjecturar-se que a bahia de Nakala terá outra communicação com as aguas exteriores, se não durante toda a maré, pelo menos no fim da enchente e no principio da vasante.

O rio da Conducia, que esboça na parte Norte e ao fundo da bahia d'esse nome, em um estuario pequeno mas profundo e excellentemente abrigado, desce das faldas da montanha da Mesa. Foi isto verificado pelo auctor d'estas linhas em 1867, subindo o rio até onde a maré lh'o permittiu, e chegando a uns 2 ou 3 kilometros das encostas da montanha. Não foi possível chegar-se então ás nascentes do rio pelo receio de se ficar encailhado, sendo indispensavel começar a descer logo que a maré reponiu á vasante, o que é um phenomeno rapido e perfeitamente apreciavel n'aquella altura de um curso de aguas.

E' certo, pois, que entre as nascentes do rio Conducia ou Sinyude e os confins meridionaes da bahia de Nakala, que se confundem n'um labyrintho de inextricaveis mangaes, medeia apenas uma curta distancia, provavelmente alagada; sendo possível que as aguas do rio entrem na bahia no fim da enchente, a qual a seu turno despejará por ali uma parte d'ellas no primeiro terço da vasante talvez.

Seja, porem, como fór, o que é positivo é que o rio Conducia e a bahia de Nakala formam como que um fosso natural, que quasi isola do resto do continente a interessante península, a que chamámos de D. Carlos. E, mesmo no caso mais desfavoravel, isto é, mesmo que as aguas da bahia e do rio se não confundam, o isthmo intermedio é tão pouco extenso, e está naturalmente tão bem defendido pela montanha da Mesa, que pouco mais haveria a fazer sob o ponto de vista estrategico.

Construindo-se na montanha da Mesa um quartel fortificado, e ligando-o com Moçambique por um telegrapho electrico, ou ainda mais economicamente por um telegrapho heliographico, teriamos a península toda seguramente defendida, visto como da Mesa se dominaria facilmente, pela vista, a bahia de Nakala e o rio Conducia. As communicações entre a Mesa e Moçambique, por meio de portadores de correo, não levariam tambem mais do que algumas horas quando o serviço estivesse bem organizado. E, com effeito, esses portadores viriam facilmente da Mesa para Fucuniculo na margem septentrional da bahia da Conducia, atravessariam d'ali para Saua-Saua por agua, de Saua-Saua para Mossuril por terra, e de Mossuril outra vez por agua para Moçambique.

Esta península interessantissima merece bem ser objecto de um minucioso levantamento topographico, e de um estudo sob o ponto de vista geologico e florestal, para se averiguar se seria possível, depois do estabelecimento do aquartelamento, a fundação de uma colonia de brancos e a regulamentação do corte e aproveitamento das riquezas minerarias e de madeiras que ella encerra e que hoje são espediçadas.

Além dos portos de Nakala e Conducia, e seu estuario, que dão accesso á península, possui ella mais, como utéis serventias com o mar, o portosinho de Quissimajulo junto á sua ponta Norte-oriental, bom para navios, o portosinho de Krussi logo ao norte do porto Velhaco, onde só entram embarcações pequenas, o porto Velhaco, onde os pangaios negreiros costumavam abrigar-se, e a pequenina enseada da Chicoma por detraz da ilha do Sombreiro.

AUGUSTO DE CASTILHO.

COMMERCIO, FINANCA, INDUSTRIA



Visconde de S. Domingos

TEM hoje 72 annos este nosso illustre compatriota, que nasceu n'uma das mais pittorescas e formosas freguezias d'essa encantadora provincia do Minho. Partindo aos doze annos para o Brasil, n'um tempo em que a emigração para a America do Sul era o sonho dourado de todos os que se sentiam com forças de trabalho, como hoje devia ser a Africa, Domingos José Dias dirigiu-se para Belem, a capital do Estado do Pará. Ahi, trabalhando e economisando, conseguiu fundar em 1869 uma casa de commissões sob a firma Costa, Tavares & Dias, que mais tarde mudou para Costa, Dias & Companhia, depois do fallecimento do socio Tavares.

Hoje essa casa, com um passado commercial muito sério e muito honesto, de 30 annos, é das principaes do Pará, pelo desenvolvimento que tem e pelo crédito que merece. Rico e feliz, mas philantropico e bom, Domingos José Dias tem o entranhado amor de sua patria, á qual tem prestado no Estado americano os mais valiosos serviços,

como socio da Real Sociedade Portugueza Beneficente, fundador do Hospital D. Luiz, modelo da instituição de caridade, e protector generoso de todos os seus compatriotas. Ainda em 1880, por occasião do *ultimatum* inglez, á sua iniciativa se deveu a subscrição importante que veio do Pará, e na qual elle teve a maior parte de gloria e generosidade. Foi n'esse anno que recebeu o titulo de Visconde de S. Domingos, concedido pelo governo portuguez que dois annos antes lhe havia conferido já a commenda da Conceição.

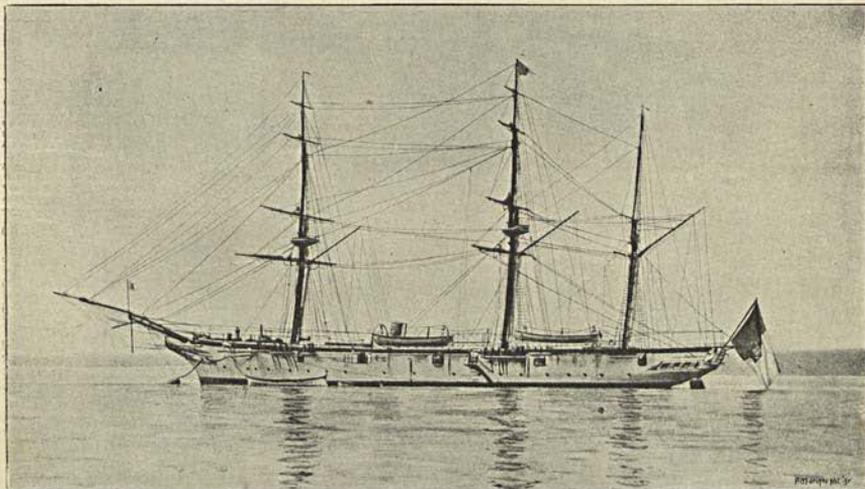
Hoje occupa na sociedade parense um dos primeiros logares, presidindo á Praca do Commercio, dirigindo o Banco de Belem e fabricas importantes d'aquella cidade, e presidindo ainda á commissão que alli se formou em commemoração do centenário da India, para ofertar ao governo portuguez um navio de guerra.

E' casado com uma senhora muito distincta do Pará, D. Clara da França Dias. Não tem filhos a quem legar o nome honrado, mas tem a população inteira de uma cidade a proclamar-o benemerito.



Dr. Augusto de Alencar

ACTUAL ENCARREGADO DOS NEGOCIOS DO BRASIL EM PORTUGAL



Corveta MINDELLO

Passou a 13 de março o 5.º anniversario do asylo dado a bordo d'este navio na bahia do Rio de Janeiro a mais de 500 brasileiros vencidos na revolta naval iniciada a 6 de setembro de 1893.

O millenario de Hippocrates



HIPPOCRATES quando nasceu contava apenas tres annos d'idade e como succedesse que tendo nascido a 30 de fevreiro fazia precisamente em 8 de março 304 annos que morrera, celebrou-se-lhe n'esse dia, o millenario.

A coisa assim succintamente exposta tem seu ar de trapalhada. Mas o raciocinio, meus caros senhores, é absolutamente identico ao que preside na dedução do *Orçamento* e um quasi nada igual ao que teima em provar que não é este o ultimo anno do seculo porque Christo quando nasceu, trazia tambem já, ao que parece, um annito d'idade. Pecha dos grandes homens!

O positivo é pois que na Escola Medica de Lisboa se celebrou a 8 de março o millenario do nosso chorado amigo e collega Hippocrates.

No dizer do chronista era Hippocrates alem de physico... «socio d'Academia Fenians, dentista repro-

vado pela escola Voualparabaixodosophajevenho, orado, soprano, virgem, circumcidado, maduro, cornialto, listão, de muito pé, amigo do seu amigo agora e na hora da morte e sempre, assim na terra como no nu, maviosissimo vate das *Dores de Barriga* e do immortal folheto: *Senhor Mercurio*, auctor d'um projecto de lei para reprimir entre os pharmaceuticos o abuso da pillula, inventor do primeiro especifico Villaga e d'uns *phases* para matar bichos... e pae de sete filhos e meio todos vaccinado que rodéiam a mãe inconsolavel e se acham no maximo cumulo da miseria.»

Com um tal fologo de qualidades bem meracia de ha muito semelhante Hippocrates um millenario se o tempo sobrasse da celebraria correntia com que mutuamente nos presenteamos uns aos outros!

Aventada a idéa de justiça, accendeu-se logo a fogueira d'uma commissão. E' vicio universal! Commissão com o stricto encargo de lembrar no menor tempo possível o maior numero d'asneiras... o que tambem é banal em commissões e sobretudo em commissões de centenarios!

Da investida resultou um cortejo, um congresso e um museu...

Foi o cortejo passeado entre filas alegres n'uma glorificação suprema do Disparate!

Eis o pendão que o abre: é uma especie de monstro incoherente. Monta um cavallo branco, empunha uma sombinha velha, traça-lhe o busto, á romana, uma toalha branca, tem louros na cabeça, a mandibula debruada por uma barbilha de passa pilho, zarcão nas faces, e perdeu no primeiro movimento do corseil os oculos fumados. Vão-lhe na piugada guinchos selvagens. El-Rei de Copas no trem do Arreda abençoa os seus vassallos. Virgens barbadas, d'olho luxurioso, mostram pingentes de vintens furados, deixam entre-

siar um começo maculoso de perna. O envidio do rei de São tem a orientad'ocientad'um Budha no seu rananquin de vassouras. E Hippocrates sob taboinhas verdes, surde, a um lado do seu oculo eslico que é

tambem o seu consultorio, e chama maganamente as sympathicas frequezas com que topa no rodar do seu carro triumphal.

E o estrealjar das bombas parece baquetear o ventre do Bois-Senzo e o esfumar do riso dissolve em troça o ridiculo das Coimas Consagradas...

E todavia esse risinho cortejo teve um trajecto habitualmente lugubre.

Da altura da Casa dos anneis á entrada franzina da Escola Medica, com um diverticulo pela lavanderia do Hospital, ha todo um caminho quotidiano de cadaveres e estrumes. E' o caminho da tumba, é o caminho da dissecação, é o caminho do Esquecimento e do Espacellamento. E no emtanto mesmo em occasões que não sejam de folia não o vereis molhado de muitas lagrimas! A padiola que o atravessa e onde se estende o cadaver a retalhar e a tumba que depois leva na madrugada humida as sobras do escarpello para a valla do



O rei de Copas

cemiterio, não tem a veneração da amizade a verter ch'oros nem o sentimentalismo da Convenção a fazer cauda. O profano que alli entra não percebe a liturgia da Maca!

Esse cortejo, amigos! para mim um iniciado, para mim que ria,

esse cortejo com toda a sua tonteria do desconhecido, abrigado entre paredes do Hospital, figurava-se-me tragicamente um simulacro ironico de Vida, pasçada á sombra da grande Dôr pela estrada lisa da Morte.

E contudo eu ri! E como eu ri!

O congresso depois...

El-Rei de Copas declarou aberto o congresso diz dos meritos de Hippocrates:

Mais descobertas inda fez Hippocrates Mas nenhuma da rima boa em ocrates; Po em sabem que entre ellas troças brilha Como qualquer idéa do Fervilha O famoso elixir que elle inventou Quando Alexandre Magno se casou. O imperador no dia do noivado Não conseguia entrar nenhum calçado Porque na triste guerra dos cem annos Quando veio a fugir dos reis troianos, Com uma força ái de mil cavallos, Arrançou n'um só pé muito mais callos

Do que qualquer alumno, em regra, az Quando vem a correr para o Ferraz. E Alexandre n'um grande soffrimento, Olhando com cutuca o polimento Mandou chamar Hippocrates — o mestre, Descreven-lhe a excursão longa e pedestre E apresentou-lhe o seu calção pé. O sabio palpa e diz: — O capilé Em injeções rectaes, deve curar. E foi uma escriptura, ver e amar. Foi, isto em regra, obra d'um momento. E Alexandre calçou de polimento.

E o chronista-mór relata a vida accidentada e triumphosa do grande-homem:

Segundo á ventura partir para o Pynhal de Azambuja, de la foi á Calabria, onde visitou a Academia de Bilhar, depois ceou no Tavares e voltou peido d'impressões. Escreveu então o seu famoso drama *Chateau-Blanc* em que ha violentas scenas de saite á dores, e a p'lançados pelo heroe da peça *Gulame Ayyozia*. Conta d'um busquio historico de D. Per-



O batuque do pae João



O carro do Arreda



As virgens



O pendão

petito Borrego que esta producção d'Hippocrates foi representada no theatro de Lethem, na Noite de Natal do anno O, em recita de gala, obrigada a casaca, com assistencia das pessoas reaes, portantes Herodes Antipas e Cleopatra, estando o galloeiro cheias pelas onze mil virgens e os Santos Innocentes degolados posteriormente por Serranodes Entesicas.

Mas nem o grande successo da sua peça lhe fez verter a creança na religião de Esculapio e de novo se votou ao culto d'essa divindade.

Foi então que se deliciao ao estudo dos Esfalamentos, onde foi genial, tratando com pannos quentes a 37°, aproximadamente a temperatura dos lençoes a 8 1/2°, varias alumnas de Clinica Medica. Inventou o poderoso elixir contra a insomia a que chamou *Loprye*, outro contra a koprostase que denominou *Exameñial*, outro contra o erotismo que ahi corre com o nome de *Sebastião* e ainda outro que em calio se chama *Específico Dias Enganado*.

E mais e mais... desde os parabens d'um orador pelo estado d'accao em que tudo se encontrava, até a explicação didactica da formação do ptyalinato de graxa... para tingir cabellos e engraxar botas.

Certamente foi este o menos torpe de todos os congressos. Menos torpe e mais util!

Porque da ramada d'uma amoreira para onde, por um vintem, não sei quem me ajudou a trepar, eu vi (d'entre o mosaico de cabeças alvares que sob mim recochetava riso a cada sarraivada d'ascseiras), eu vi os lindos olhos de linda dama, uns olhos de gatinha amarella, posar amado, e com goso nas barbas... do Rosalino!

Oh! A primavera!

No museu depois, onde se acoitavam carinhosamente os centos d'objectos com que Hippocrates em vida se enfeitava e foram seu pertence mediato ou immediato, no museu surpreendi certa senhora apontando com muito criterio d'uns que ha muito descartados, de se lhe metter o dedo na bocca a ver se mordem!) apontando sobre um metro quadrado de sola o seguinte distico:

Laboratorio onde Hippocrates fabricava a sua descendencia

E a essa senhora ouvi que respondiam:



Clulabon zon

carinha bonita que por lá peneirou riso, amarellejará algum dia na serenidade ultima da tísica sobre alguma d'essas mesmas mesas e offerecerá ao meu bisturi de estudante a face que talvez hontem mesmo recuará aos meus beijos de devasso!...

Mas o que eu ri!



Guarda pretoriana

O millenario d'Hippocrates foi pois, senhores, uma treva na immundicie da Vida, a glorificação do Disparate, a santificação do Incoherente! Nem leis, nem reis! Sob o ceu alegre a cara alegre! A grande Vida na casa da Morte!

Estou em suppór que a caprichosa extravagancia de taes

idéas nos vem a nós os tristes, em quem a presença constante do cadaver e a hypothese dilacerante das doenças, calleja o sentimentalismo, estou em suppór que essas idéas nos vem por um disfarce!

Convem entontecer, convem entontecer-nos, para que a esperança nos não falhe...

A grande Esperança, a eterna Esperança, a futil Esperança!....

A Futil Esperança?! Mas como (consta de telegrammas) adheriram ao millenario o Papa e o Sebastião, marido da Sebastião, essa esperança de que eu fallo, deve de ser uma verdadeira Esperança da Conceição e Silva, creatura muito minha conhecida, que usa vestido verde — da côr dos campos — o chapéu vermelho — da côr da aurora — e tem os olhos piscos — por ser myope... como todas as esperanças!

Março, 59.

ARNALDO FONSECA.

DO ALBUM IN MEMORIAM

Um trecho de ha mil annos e que parece de hoje

'Hippocrates era tão carinhoso com os seus doctes que elles pagavam com a vida a dedicação do mestie'.

Já era!

(Do *Cantico dos Canticos*).

AGROGRAPHS

Para, testimuhar,, quanto,, testimo. Nada! axo, como? as palavras do (j) meu... collega Napo Lelo?!

Se tal homem foi grande e potente, Senhora uma nidade, vengo venere-o.

Atonio Enriches, duche de pans e rei de copas.

Se eu tivesse filhos mandava-os estudar para Hippocrates.

Kazim'a' das ditas.



O consultoria d'Hippocrates

ALGUMAS NOTAS INEDITAS SOBRE A VIDA DE HIPPOCRATES

Poucos sabem esta passagem da atribulada existencia do notavel pedicuro, cujo fallecimento hoje memoramos.

Achando-se a atar as cardas, reuniu em volta do leito alguns amigos e conhecidos e falou-lhes assim:

— Merro, mas sei que não faço falta. Ao descer á campã fã dou a alternativa ao meu eminente collega e particular amigo dr. Dias Amado, com botica no largo do Conde Barão, trem e cavallos arranjados com o tratamento dos ditos aos domicilios.

Dizendo isto falleceu como um justo que era. Foi o canto de cysne.



O andor do concuro

Salões, Ateliers, Interiores

O GABINETE DE TRABALHO DE OLIVEIRA MARTINS



Oliveira Martins

COMO n'esse dia lutooso para a patria portugueza em que expirou o grande escriptor que se chamou Oliveira Martins, assim se conserva, piedosamente resguardado, o gabinete da sua casa, dentro do qual foi concebida e executada a ultima parte da sua obra. *Nun' Alvaes* e os *Filhos de D. João I*, esses dois livros immortaes que hão de levar a todas as gerações, cada vez mais luminoso e bello, o espirito que os concebeu, dentro d'aquellas paredes foram pensados e escriptos.

Era n'aquella cadeira modesta, no meio dos seus livros, um ou outro *biblot*, um quadrito de auctor, dando ao aposento uma nota artistica, que se comprazia o formoso espirito do auctor do *Portugal Contemporaneo* em idealisar esses quadros da historia portugueza, que entre nós só elle tinha, como Michelet, o poder de resurgir do passado, banhados de luz, cheios de vida. Depois, em volta d'aquella mesa, que se vê na nossa segunda gravura, Oliveira Martins, sempre de pé, ia traçando no papel, n'essa

linguagem tão sua, ao mesmo tempo tão litteraria e tão familiar, os assumptos que o seu talento evocava, e as suas poderosas faculdades de observação e analyse reviviam, como se o passado desaparecesse, e fossem do nosso tempo e até do nosso convívio as figuras da Historia, por elle postas em toda a luz, em toda a evidencia flagrante.

O sabio não vae todo á sepultura;
Na memoria dos homens vive e dura.

disse-o o poeta, e a confirmação d'essa verdade está no sentimento de nós todos ao contemplarmos hoje a fronte pensativa, a phisionomia serena, melancolica e triste de Oliveira Martins, ao evocarmos a sua vida de trabalho ao compulsarmos a obra vasta do seu pensamento.

E agora mesmo, lançando os olhos para os objectos que lhe foram queridos, para os livros com que elle conveiu, para os retratos preferidos que o acompanhavam nas horas do seu labor intellectual, perguntamos a nós proprios se a alma de Oliveira Martins não paira sobre esses objectos entre os quaes se passou a parte mais gloriosa da sua existencia de escriptor, de estadista, de alto funcionario.

Estas palavras não são escriptas apenas para aquelles que lancem um olhar de mera curiosidade sobre as gravuras d'esta pagina. São muito especialmente dirigidas aos que mais conviveram com Oliveira Martins, e mais de perto aquilataram o valor das suas faculdades pujantes e a nobreza do seu caracter sem mancha.



Esse, ao fixarem a vista nos moveis, nos livros, nos quadros, que guardam esse gabinete de trabalho substituido pelos dois trechos constantes das nossas gravuras, sentirão invadidos um pensamento doloroso e uma recordação profundissima.

A piedosa saudade d'aquella que foi a companheira da sua vida e a confidente intellectual do seu pensamento, a sr.^{ma} D. Victoria de Oliveira Martins, se deve a religiosa conservação d'esse gabinete de trabalho, exactamente como no dia em que se apagou para o mundo o espirito do escriptor insubstituivel, do pensador eminente. Ufana-se o *Brasil-Portugal* de poder dar hoje aos seus muitos leitores a reprodução exacta d'essa casa onde tantos annos viveu, brilhou, e sem duvida soffreu, um dos maiores espiritos que honraram o Portugal d'este seculo.



A ALMA DA MONTANHA

COM uma figura humilde de tragedia, esse homem passava na terra odiado e perseguido. Não tinha um irmão nem um amigo, e dir-se-ia, que a propria, a espantosa natureza, o arredava para o fazer soffrer. Pobre, nos proprios pobres, encontrava odio. Fôra talvez escravo, e não sabia ao certo de que dôr nascera. Todos os caminhos tinham para elle pedras, e a vida só o lodo doloroso e amargo. Lar não conhecia, e sua mãe era talvez a Desgraça, que por toda a parte o seguia, para o espesinhar com rancor. De resto o destino fizera-o triste, humilhado e torto: assim passava na terra, de manto esfarrapado, com fome e frio, os pés nus e feridos. A multidão nas praças insultava-o, e, pobre, nos proprios pobres encontrava odio, pois que ainda lhe restava na sua miseria este brazido d'ouro — o sonho.

Só o encontravam de noite nos sitios ermos, nas praças solitarias. Batera a todas as portas e de toda a parte fôra expulso com ignominia e escarneo. Parece que no infinito ha necessidade de berros, visto que a natureza de proposito cria materia para a dôr. Eil-o que caminha pela terra, curvado, a soluçar, sem amigos, sem irmãos, envolto na sua capa esfarrapada...



As vezes para. Sujete-se a todos os trabalhos: carrega blocos, para construcção de cathedraes; a dôr broca-lhe a carne resequida, os ossos disformes; o frio retalha-o e elle só tira esta singular condição: — Deixem-me sonhar...

Então a multidão berra pela sua morte. Apedrejam-n'o, e elle põe-se a caminho, atravessando rios, gelos, soturnas florestas... Por toda a parte o espera a perseguição e os risos. Reis e principes mandam-n'o prender, a esse sêr grotesco, pária sem irmãos nem amigos, e quer ter por força este lar — o Sonho.

A natureza cria com o mesmo lodo creaturas de luar e escravos. Esse homem era tão disforme, que nem sabia falar: nascera para invejar as pedras e as arvores. Tudo o hostilizava, ninguem o acolhia, e pela terra viam-n'o passar, de povo para povo, com o seu manto esfarrapado, resignado, triste e maldito...

— Deixem-me sonhar...

Expulso, seguia, lá ia, vilipendiado, insultado, só com a sua fé e as suas lagrimas...

N'essa tarde as forças extinguiram-se-lhe. Caminha mais derreado e tropego, e no pó da estrada as suas pégadas incertas ficavam a estremecer de dôr. O manto tremulo cahia-lhe aos pedaços. As ultimas pedradas vieram tombar aos seus pés, derrubal-o, quando elle chegou ao pé da montanha assombrosa.

Era n'um poente todo violeta e oiro, tão cheio de emo-

ção, que parecia que as arvores iam fallar, tranzidas. A montanha era extraordinaria: etherea, ora verde, ora violeta, erguia-se no ceu como um prodigio. Dir-se-ia arfar, n'um esplendor, com murmurios, vozes, torrentes, oiro: era a força, era a belleza.

Quando o escravo cahiu tudo em torno se calou, attento. A terra sentira como a dôr, a propria dôr, a arrastar-se sobre ella. Pelas suas boccas de pedra poz-se então a montanha a clamar:

— Tu, quem és?...

— Um pobre ser, a dôr... Quero falar, exprimir, dar formas a este sonho que trago escondido, roubado, materializado, e não posso! Ando fugido na terra com este lume, que me mata e que eu amo, como a um filho. Magoam-me, despedaçam-me, mas eu trago-o comigo!... E ainda uma amalgama, oiro e lama, materias desconexas, pedras para realisar o prodigioso Sonho. Queria, montanha, que o homem passasse diante da minha obra e dissesse: — E' o meu sonho!... — e que a humanidade, ao encontrar-a, exclamasse: — Eis o meu sonho!...

Soffro, procuro, grito, e tudo se perde menos a dôr. As formas que ia a prender lá vão perdidas, e tudo me sae apagado e nullo... E não é a amargura de me ver perseguido e odiado que me mata... Se eu nem sinto as pedras!... E' não realisar, não crear!...

Soluçava. As coisas emmudecidas ouviam a historia, contada aos gritos, com palavras desconexas, d'aquella pobre creatura odiada, perseguida pelo seu proprio sonho, sem irmãos, sem amigos e que os mesmos pobres insultavam. Arrastando a capa esfarrapada, misero, elle fugia a esconder o seu sonho incompleto, como um thesoiro, como um imperio. Calcavam-no, espesinhavam-no, escarneciam-no, e elle passava sem ouvir, sem sentir, enlevado e extactico...

A noite cahira como uma espantosa camelia lactea. A montanha estremecia e ouvia as palavras e os gritos, que echoavam na noite calma e tão pura que parecia que estrellas vinham pousar nas arvores como aves todas d'ouro. Dir-se-ia que por instantes tudo parára no universo, se fizera um silencio suffocado: o coração da montanha deixára de bater. Uma evaporação, como um halito, uma grande alma que fosse emoção, se desprendia pouco a pouco do colosso e poisava, gigante phantasma violeta, entre as estrellas e a terra. E lento e lento envolvia uma nuvem o escravo exanime, ferido, abandonado...

No alvorecer, a montanha appareceu mirrada, secca, tragico calvario, e o poeta, o escravo, transfigurado, poz-se a descel-a. Por entre os farrapos do seu manto corria o sol a jorros, e de cabeça erguida, illuminado, dizia palavras que eram a voz dos montes, das arvores, das aguas, de Deus. Tudo em torno, attento, o escutava. A montanha era o desgraçado — o homem era a montanha.

RAUL BRANDÃO.

Dr. Augusto de Alencar

PELA promoção do sr. dr. Costa Motta a ministro do Brasil no Chile, veio substituí-lo no cargo de 1.º secretario da Legação brasileira junto ao governo de S. M. Fidelissima o sr. dr. Augusto Cochrane de Alencar, que tinha identico posto em Madrid.

Gosava o sr. dr. Costa Motta, pela distincção da sua pessoa, de vivas e geraes sympathias na côrte e na alta sociedade portugueza: o sr. dr. Alencar, que é um moço garboso e gentilissimo, tornar-se-ha, em breve, igualmente querido e considerado.

Filho do grande romancista e notavel homem politico brasileiro José de Alencar, o novo secretario da legação do Brasil e actual encarregado de negocios reúne aos primores de uma educação esmerada os mais apreciaveis dotes de intelligencia e de caracter.

Em S. Paulo, onde fez o curso juridico, pertencia a elite intellectual academica, sendo um dos que abrilhantavam com seus escriptos as columnas do *Diario Mercantil*, o mais litterario e mais interessante dos jornaes brasileiros da epoca.

Cartas de Paris

Do "Boulevard."

O PALACIO presidencial do Elysee retomou a sua physionomia habitual. As negras armações franjadas de prata e o sumptuoso catafalco, que lhe davam um aspecto theatralmente funebre, desapareceram completamente; e o Elysee voltou a ser a risonha e calma habitação que Madame de Pompadour tanto apreciava.

Nos grandes palacios apaga-se depressa a recordação dos dramas que n'elles se desenrolam. Muito vastos, muito impessoaes, os palacios não possuem aquella alma delicada e coral que Shakespeare attribua ao mais simples pardieiro; massiços e seculares, conhecem a puerilidade das nossas ambições, das nossas tristezas e das nossas alegrias, e desdenham as vãs revéssas da vida que se quebram d'encontro aos seus flancos de granito.

O Elysee não tardou a esquecer aquelle que ainda ha pouco o abandonou, no inutil tumulto de um cortejo funebre, e, sob o céu azul d'esta quasi-primavera; logo se vestiu de galas para receber o seu novo hóspede.

Madame Faure e sua filha fugiram precipitadamente d'aquella moradia, onde tudo lhes recordava uma felicidade irremediavelmente perdida. Bem depressa, com o crepúsculo febril d'aquelles dias que receiam não serem corajosos até ao fim, fizeram encaixotar os objectos pessoais que davam á fria decoração dos salões officiaes um pouco de atmosphera familiar. A mudança fez-se em poucas horas, e d'esses quatro annos de uma existencia verdadeiramente real ficou apenas uma ruma de malas e de caixotes atestando o irrevogavel e doloroso abandono!

E lembrarmo-nos de que ali se estavam preparando festas brilhantes, dignas de uma republica ateniense, para fechar a estação d'inverno! Os jardins estavam repletos de flores preciosas e os salões enfeitavam-se para receberem condignamente o *Tout-Paris* das grandes sollemnidades. Um baile ia dar-se nesse mesmo palacio onde se desenrolou a curta tragedia que se sabe. Um baile... E foi um cortejo funebre que atravessou, n'esse dia, os salões em que deviam borbolear as formosas parisienses. Duas horas bastavam para transformar n'um cadáver o que ia ser o amphytrião da grande festa; um refluxo de sangue, um engorgitamento das veias arteriaes e o grão de areia de que fala Pascal — e a obra de morte foi cumprida!

Paris adora as lendas. Teve-as em todos os tempos e nunca poderá passar sem ellas. E, de resto, um dos caracteristicos da raza gaulesa. Julio Cesar constata-o nos seus *Commentarios* e o outro grande romano que residiu nas Thermas repete-o no *Misoparpon*. Que bellos contos azues semeiam todas as longas paginas da historia franceza! Mas não façamos archeologia e saltemos a pés juntos á adoravel fabula em que Lafontaine mette em scena a mulher cujo marido poz um ovo. Isto passava-se ha trescentos annos. Hoje passam-se coisas identicas.

Ainda hontem, Emmanuel Arène levantava-se no *Éclair* com um grande bom senso e muito espirito contra esta invencivel mania dos francezes, de tocerem um romance a proposito de tudo. O brilhante escriptor faz a este respeito uma excellente analyse da psychologia franceza. A pagina é bella, mas será trabalho perdido. *Jamais l'homme ne change!* diz Lamartine na sua ode sobre a abolição da pena de morte em materia politica. Não, o homem não tem a virtude de se modificar, sobretudo quando lhe aconselham a sahir das tradições da asneira. Nós apreciamos mais os nossos habitos do que os nossos direitos.

Um d'estes dias, vimos desaparecer n'um instante o mais alto dignatario da França, victimado, como acima digo, por uma congestão cerebral. A sciencia dos physiologistas constatou o facto, assim como as testemunhas da sua vida intima. Pois bem, não dar fé á realidade seria muito simples. Desde o dia seguinte, a lenda devia intervir e, com effeito, ella appareceu armada e equipada para as circumstancias.

Conjectura?... Ora adeus! Então morre-se assim d'uma congestão?... Onde é que se viu isso?

E um jornal começou a dizer que não era nada impossivel que o defuncto tivesse sido victima do veneno. Contudo, esta conjectura melodramatica não obteve grande successo: não era assas violenta como accção. O elemento romanesco exigia outra coisa: um mysterio d'amor, por exemplo. Foi então que se lançaram na circulação, cada uma por sua vez, varias lendas á maneira de Suetonio: uma recurrença de amor, conduzindo á precipitação de uma morte inesperada. Eis as historietas que são um regalo para Paris.

Be sobremesmo tudo quanto me contaram de invenções grotescas e contradictorias! Para uns, sem a menor prova, tratava-se de uma jovem e formosa actriz de um dos theatros parisienses mais em vista, que teria sido a Judith d'aquelle Holopherne, o fachalhão a menos. Para outros, tratava-se de uma dançarina da Opera, porque diga-se de passagem, n'estas coisas é indispensavel que appareça uma figura de theatro. E a acreditarmos n'uma terceira versão, a *Cypria*, assassina involuntaria, teria sido uma mulher do mundo.

Em todo o caso, infeliz por excesso de ventura, o extincto Presidente teria ultrapassado, como conquistador, Don Juan, Lauzun, e Casanova reunidos.

Não é uma parodia, com effeito, estes trinta e seis milhões de francezes, que no dia seguinte ao da morte do chefe do Estado, só têm uma preocupação: saber se elle succumbiu realmente no Elysee, de um refluxo de sangue, ou de um excesso de amor, seja entre os braços de uma pensionista do Odéon, seja entre os de uma outra mulher qualquer.

Em vão se demonstrava á opinião publica que esta morte, so-brevindo n'um momento difficil, podia ter resultados imprevisitos; em vão se esforçavam em fazer-lhes comprehender que, por não ter a gravidade de uma successão ao throno, a substituição de um presidente da Republica nem por isso podia ser menos explorada pelos pescadores d'aguas turvas, — nada lhe entrava na cabeça.

O que lhe importava era saber qual das tres: a actriz, a dançarina e a mulher do mundo, vira o Presidente dar o ultimo suspiro!

Tivemos ha dias a *première* do *Couquable*, de François Coppée, no theatro do *Ambigu*, e devo dizer que este drama, á parte o seu merito theatral, me suggeriu algumas reflexões de actualidade.

Sob o ponto de vista do successo que se pode obter entre o publico ordinario do *Ambigu*, é pena que o drama de Coppée não se pareça com o drama que as sensacionais revelações do famoso commandante Esterhazy nos fizeram conhecer mais completamente do que o tinham feito até aqui as indiscrições de bastidores.

A poetica do *Ambigu* é a mistura do comico e do tragico, o emprego dos disfarces que transformam as gentes do mundo em bandidos e os bandidos em gentes do mundo, os mysteriosos *rendez-vous* em sitios romanticos e desertos, todo o cosinhado emfim dos phantasticos romances-folhetins de Pouson da Terral.

Ora tudo isto se encontra na narrativa do commandante Esterhazy, narrativa que a gente é obrigada a ter por verdadeira, porque se precisam factos e se exhibem documentos. Por ella sabemos que o Estado-Maior do exercito de França — cujas responsabilidades se agravam de hora para hora — enganou á justiça, conspirando para impedir que se examinasse lealmente e seriamente o caso de um condemnado que podia estar innocente. Este é o lado tragico do drama. O lado comico, inscriptavel, phantastico, o lado *Ambigu*, é ver officiaes superiores transformados em agentes de policia secreta, com oculos azues e barbas posticas, tomando por interme-diaros, nos negocios de alta importancia, ora uma *dama do mundo*, ora uma *irregular*, e estabelecendo como logares de *rendez-vous*, ora as fortificações, ora os cemiterios.

E assim se vae perpetuando este espantoso drama politico-judiciario, na representação do qual a França perde todos os dias uma porção da sua honra e do seu poderio, endossando a mais infamante nodda da historia moderna, e que aos olhos do mundo representa, para esta nobre patria da Revolução, uma derrota moral mais desastrosa do que a catastrophe de 1870.

Paris, março de 1899

SILVA LISBOA.



Alfredo Keil

AUTOR DA NOVA OPERA SERRANA, EM SCENA NO THEATRO DE S. CARLOS

BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Impresso na typ. da Comp. Nacional Editora Largo do Conde Barão, 50

Editor — LUIZ ANTONIO SANCHES
Redac. e administr. — R. IVES, 52 — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	4\$300	Anno.....	7\$000	Anno.....	8\$000
Numero avulso.....	1\$500	6 meses.....	4\$000	6 meses.....	4\$500
		Numero avulso.....	2\$000	Numero avulso.....	2\$500

SUMMARY

Chronica Electrica — BRASIL-PORTUGAL.
Marta Guerrero (illustrations of Celso Hermínio).
Galeria da Imprensa — Dr. Ferreira de Azevedo, Lino d'Assumpção.
Aria nocturna. Mal Secreto — RAYMUNDO GOMES.
O Presidente Lombel. A mãe de Lombel. Madama Lombel.
Relações commerciaes de Portugal — F. MARTINS SANTOS.
Visconde de Tannay
Galeria International
Casas das Colonnas.
Bahia.
A bordo do «Adamastor». No Pará — ANSELMO DOS NEVES
Mello.
A Bahia de Nakala e a península de D. Carlos — AUGUSTO DE CASTRILHO
Visconde de S. Domingos.
Corveta «Mimêdo»
O milionario de Hippocrates — ARNALDO FERREIRA.
Do Alburn in memoriam.
O gabinete de trabalho de Oliveira Martins.
A casa da moçorra de illustração de Celso Hermínio — LUIZ BRANDÃO.
Dr. Augusto de Almeida.
Cartas de São — SILVA LISBOA

Páginas supplementares

De Benguella á fronteira de Barotze.
A quinzena financeira — LUIZ CARDOSO.
O stock fluctuante.
Que descobriu o Brasil?
A imprensa do Brasil.
O stock fluctuante — ORVAL.
Artes da ser formosa.
Horta de Ocio — F. A. DE MATOS.

36 ILLUSTRATIONS

De Benguella á fronteira do Barotze

Todas as intelligencias lucidas e todos aquelles que de perto tem estudado as nossas quaestões colonias estão de accordo em que o enriquecimento das nossas forcas economicas e financeiras só nas nossas colonias se pôde encontrar, toda a vez que ellas sejam dotadas com os melhoramentos materiaes, que o progresso e a civilização aconselham. Estes melhoramentos tem por fim dar ás riquezas naturaes do solo uberrimo da Africa o movimento e orientação de que ellas são susceptiveis, e como manifesto proveito para a mãe patria e promanifesto e prosperidade de ellas proprias. O nosso patrimonio colonial é um thesouro precioso, de cujo valor bem poucos ainda tem verdadeiro conhecimento.

Existe, porém, comprovado por factos positivos, de que não é licito duvidar, e tornar-se-ha n'uma realidade quando o saillamos explorar pelos meios que mais certeza offereçam de gloriosa realiação.

Ninguém ignora o alto valor que a borracha vegetal possui nos mercados de todo o mundo e que todas as tentativas chimicas feitas até hoje para encontrar um producto similar que a possa substituir nas suas variadas e delicadas applicações, não têm surtido o resultado que se esperava.

É verdadeiramente fabuloso o valor d'este producto existente nas florestas virgens do territorio de Benguella. Extrahillo e transporto rapidamente para a fronteira, e d'ahi lançallo nos mercados consumidores, tem sido o desejo dos mais conceituados negociantes da nossa Africa. N'aquele trato do nosso territorio estamos rodeados de inimigos poderosos, que dispõem de capitães auxilados, e que se nos não anticiparmos, certamente nos toberão o passo, aproveitando-se d'aquella verdadeira fonte de ouro que se nos apresenta

como elemento magnifico para revigoramento da nossa situação commercial-africana.

Para tratar d'este assumpto, de um interesse tão palpitante, acabam de reunir-se, n'uma das salas do Banco Ultramarino, os iniciadores do projecto para se levar a cabo a grandiosa construção do caminho de ferro Lobito-Benguella á fronteira.

Presidiu á sessão o conselheiro Cunha, governador do referido Banco, secretariado pelos srs. Henrique Ferreira, presidente da Associação Industrial, e Sousa Lara, vice presidente da Associação Commercial.

Teve a palavra em primeiro logar o sr. Sousa Lara, que explicou o fim da convocação da assembleia, dando em seguida conta dos trabalhos já iniciados, e lendo a acta da primeira sessão preparatoria, na qual esses trabalhos estão minuciosos e detalhadamente relatados.

Para se construir essa importantissima via ferrea é preciso um capital de dezoito a vinte mil contos, e um espaço de tempo de quinze annos.

Os iniciadores desejam levar a cabo este verdadeiro tour de force, sem pedir ao governo o menor auxilio pecuniario. O dinheiro pôde ficar entregue a um comité nacional que o depositará n'um Banco, não o podendo levantar senão qualquer dos membros d'esse comité.

Com uma clareza e um enthusiasmo patriótico credor dos maiores elogios, o sr. Sousa Lara expôs largamente toda a amplitude do projecto, provando com dados e argumentos irrefutaveis a enorme vantagem que nos adviría de tão bello quanto arrojado commettimento.

Encontrando-se na sala o distincto official de marinha, o sr. Gomes Coelho, que foi governador de Benguella, o sr. Lara pediu para que elle desse á assembleia alguns esclarecimentos.

Aquelle cavalheiro expôs a situação de Benguella, affirmando ser urgente construir o caminho de ferro, para que outro ou outros se não anticipem a cortar-nos o caminho, servindo interesses estrangeiros.

Em nome da Camara do Commercio, o sr. Pinto Basto expôs as suas idéas acerca do projecto, affirmando que o caminho de ferro dará lucro immediato assim seja aberto á exploração, o que não succede com os nossos caminhos de ferro africanos.

Em seguida o engenheiro sr. Costa Sena, que ha pouco regressou de Benguella, onde estudou o projecto do caminho de ferro até Cacondo, explicou as vantagens do resto da construção.

Pela Empresa Nacional de Navegação, o sr. Gomes Netto associou-se ao projecto, e igualmente o sr. Henrique Taveira em nome da Associação Industrial e da União dos Industriales do Norte.

Depois de curta discussão resolveu chamar-se á commissão nomeada:

Commissão nacional promotora do caminho de ferro do Lobito-Benguella á fronteira.

Essa commissão ficou composta dos srs. Sousa Lara, Henrique Taveira, Ferreira Marques, Francisco Bacellar, conselheiro Cunha, engenheiro Costa Sena, Guilherme Gomes Coelho, Pinto Basto, Luciano Cordeiro, Oliveira & Diogo, Gomes Netto, e Victorino Vas.

Em nome da Associação dos Logistas, o sr. Ignacio de Magalhães Basto associou-se a tudo quanto na assembleia se tratou.

Pelo que acabamos de expôr, pôde-se avaliar da magnitude d'este colossal projecto que,

a realisar-se, como tudo leva a crêr, será o commettimento mais importante da nossa dominação colonial e aquelle que mais categoria e praticamente pôde provar ao estrangeiro que não só não descuramos as nossas colonias, mas, o que é mais importante ainda, possuímos iniciativa propria e elementos para explorar as poderosas riquezas que ellas encerram, radicando assim o effectivo direito da nossa soberania no continente africano.

E como o maior prazer que o Brasil-Portugal relate aos seus leitores a noticia d'este commettimento que representa uma decidida boa vontade do nosso alto commercio pelas coisas da Africa, e desde já, ao serviço de tão importante causa, põe as suas columnas dentro dos limites de que pôde dispor.

A quinzena financeira

Os primeiros quinze dias de março decorreram placidos, sem effectarem facto algum anormal que derivasse das suas posições anteriores os nossos mercados, tanto o commercial, como o financeiro e economico.

A exportação de generos colonias, como é de costume, n'esta epoca, foi diminuta e tende a decrescer, o que não é para admirar.

Nos principios do proximo mez de abril commença a effectuar-se a 35. O stock fluctuante foi rapido e completamente absorvido a este preço, o que deu em resultado as cotações passarem para 25 1/2, compradores e 35 1/2, vendedores.

Chegou a Lisboa Mr. Moret, delegado financeiro do Crédit Lyonnais, que vem contractar com o governo a abertura de um credito cautionado no estrangeiro. Este facto e o de terem as ofertas compensado bem a procura tornaram o mercado cambial indeciso e estacionario.

O cambio do Rio sobre Londres conservou-se sempre nas mesmas posições da ultima quinzena. No dia 13, porém, sem que se conheçam as causas, subiu repentinamente, tendo-se esta alta reflectido immediatamente nos fundos brasileiros que subiram dois pontos, tanto em Paris como em Londres. Este movimento accidental foi ephemero porque o cambio do Brasil sobre Londres retomou a sua antiga posição, ficando á data das ultimas noticias a 6 1/2 1/2.

Os fundos brasileiros ficaram cotados a

4 1/2 % 1888 a.....	64 fr.
4 % 1889 a.....	62.30 fr.
Funding 5 % a.....	90 fr.
Obrigações 5 % da Bahia.....	435 fr.
Obrigações 5 % do Espirito Santo a 349.50 fr.	

As cotações d'estes emprestimos provinciaes não são para admirar porquanto é no proximo mez que se deve pagar o coupon mensal de 12,50 francos.

Os fundos portugueses á data das ultimas noticias ficaram:

3 % a	27 1/2 fr.
4 1/2 % 1888-1889 a	190 fr.
4 % 1890 a	161 fr.
4 1/2 % 1891, tabacos a	495 fr.

O factor principal da quinzena e que ha de revolucionar os mercados e o paiz, é a arrojada iniciativa dos negociantes e agricultores da Africa occidental, á frente dos quaes se acha o sr. Sousa Lara, para promoverem a immediata construcção do caminho de ferro de Lobo-Benguela á fronteira leste da nossa provincia de Angola, confinante com o Barotze, sem encargo alguns para o Estado e sem recorrer a emprestimos, nem a syndicatos, mas unicamente com recursos da provincia.

Noutro logar o *Brasil-Portugal* dá noticia da primeira reunião da Commission Nacional, e a este assumpto que ha de ter larga influencia no nosso meio commercial e financeiro, referir-se-cha á Revista mais de espaço, porquanto é elle sem duvida o de mais largo alcance no desenvolvimento do fomento colonial e da riqueza economica do paiz.

LUIS CARDOSO.

À Patria Portuguesa

Muito interessante o numero unico que de S. Paulo nos offerecem, intitulado *A Patria Portuguesa*.

É uma homenagem ardente e patriótica prestada pelo sr. M. de Leonisa n'aquelle florente capital do Estado ao commandante e officiaes do *Adamastor*, quando visitaram S. Paulo, por entre as aclamações da população em festa.

A primeira pagina publica ao alto as armas portuguezas, e ao centro os retratos do conselheiro Ferreira do Amaral e do nosso encarregado de negocios no Brasil, o sr. Camello Lampraia.

Na ultima pagina lê-se: "Homenagem a Augusto de Castilho."

Ao alto um sol despede raios, e ao centro tem inscriptos estes algarismos: 13-3-94. No meio da pagina destaca o retrato do director do *Brasil-Portugal*, dentro de uma artistica moldura.

De dez paginas se compõe este numero commemorativo, uma das quaes é occupada com uma gravura enorme representando o *Adamastor*.

As outras são preenchidas com artigos vibrantes de entusiasmo, e com estes titulos: *Portuguezos!!! Conselheiro Camello Lampraia—Conselheiro Ferreira do Amaral—O Adamastor—Officiaes do Adamastor—Marinha Portuguesa*.

Basta ler as paginas d'este jornal unico para se fazer ideia do que é fóra do seu paiz a alma portugueza quando um alto acontecimento evoca a patria distante, e a torna ainda mais estremejada áquelles que muito a amam.

Honrando o *Adamastor* e os seus officiaes na terra paulista, honraram-se igualmente portuguezes e brasileiros, que se uniram no mesmo sentimento de estima e de confraternidade.

Quem descobriu o Brasil?

Dos conceituados editores do Pará, Alfredo Silva & C. acaba de sahir um elegante volume que tem o titulo acima, e é firmado por um dos mais illustres membros da commissão incumbida n'aquelle cidade de promover os festejos do 4.º centenario do Brasil.

Escriptor correcto e copioso, o sr. Candido Costa espalha-se, n'este trabalho litterario, em argumentos e citações, mostra abundancia e selecção de conhecimentos especiaes, para concluir e provar á evidencia que é a Pedro Alvares Cabral, o egregio portuguez, e não ao navegador hespanhol Vicente lazies Pinzon, como

muitos sustentam, que pertence a gloria de ter descoberto o Brasil.

"Felizmente, diz o illustre publicista no seu consciencioso trabalho, só tem sahido o descobrimento do Brasil por Cabral, o que todo o mundo diz e todos o repetem; firmando-se deste arte na consciencia dos povos a justiça que lhe fazem e agita assim e que brasileiros patriotas pretendem dar o nome de *Cabralia* á futura capital da Republica no plano de Goyaz; e que é uma das manifestações mais espontaneas do nosso reconhecimento á memoria do illustre almirante portuguez."

E ainda na capital da Republica projecta-se levantar em 1900 um monumento que eternise o nome, como tributo de gratidão da maior parte dos brasileiros, que não o esquecerão jamais, e que se encontra a má vontade áquelles que o não julgam descobridor d'este opulento paiz.

É preciso, pois, ficar para sempre fora de duvida e discussão sobre o ponto n'esta materia, confirmada aliás por impercíveis monumentos de bronze, que são as cartas de Pedro Vaz Caminha, do bacharel, mestre Jose, physico e cirurgião d'armada de Cabral, e do piloto da mesma frota, da qual fazião a notavel italiana João baptista Lamuzio (1), cujo original perdeu-se para a nossa lingua, depois de ter sido traduzido em latin por archangelo Madrigano.

Quaes são outros navegadores que offerecem provas identicas em documentos de tal ordem. Qual d'entres elles plantou o symbolo da redempção e da civilização dos povos em terras brasileiras? A estas palavras responderão, os que o negam, com o silencio, por esta é a melhor evidencia que podem dar á negativa da propria consciencia.

Em que dia foi descoberto o Amazonas por Pinzon? Respondam-me?

Ninguém sabe dizer-o.

Nem entao todos os historiadores asseguram que o Brasil foi descoberto por Pedro Alvares Cabral em 22 de Abril de 1500, consoante a carta de Caminha. Quanto ao primeiro, tudo é controverso; mas quanto ao segundo, tudo está perfectamente elucidado pela realidade dos acontecimentos, que são positivos.

E depois de um sem numero de considerações, qual d'ella mais valiosa e solida na confirmação da these que com tanto brilho defende, o sr. Candido Costa, n'um sincero apello para o homem illustre que preside aos destinos do Estado do Pará, escreve estas palavras repassadas de confiança e de justiça:

Estou convencido e certo de que, por esta exposição, o preclaro governador do Estado, que é um ente no mesmo tempo liberal pela generosidade dos sentimentos affectivos e por suas costumadas gentilezas; não ha de permitir que, em sua benéfica administração, se consummese a extorção premeditada com o direito áquelle que tem jus ás symbolizações de todo o nosso reconhecimento e é credor de nossas justas homenagens.

Quem tem a sua tradição, não só de homem publico, como de cidadão, tão bem firmada na estima e na profunda veneração que lhe vota a generosa e distincta colonia portugueza d'este Estado, não consentirá, sem duvida, na effecção d'esse attentado historico, fazendo levantar monumentos no territorio parense, em loyvor de quem não praticou o brilhante feito maritimo, que se quer attribuir-lhe.

Reconhecido, o *Brasil-Portugal* agradece o offerecimento e a gentil dedicatória d'este util livrinho a um dos seus directores, o sr. Augusto de Castilho.

A IMPRENSA DO BRASIL

Já temos presentes os primeiros jornaes do Brasil que se occupam do *Brasil-Portugal*. E é-nos deveras grato poder affirmar que ao exito extraordinario que em Portugal alcançou a Revista está correspondendo o exito alcançado no Brasil.

A todos os nossos confrades dos diversos Estados da União agradecemos penhorados as palavras que nos dirigem e os estímulos que provocam com o gentil acolhimento o que acabam de fazer ao 1.º numero do *Brasil-Portugal*.

N'este agradecimento sincero não podemos deixar de especialisar o *Jornal do Brasil*, a popularissima folha do Rio de Janeiro, que tão altamente, tão bizarramente, peo sempre as suas columnas ao serviço de tudo quanto procure estreitar cada vez mais as relações entre os dois povos.

(1) *Navigazione e viaggi—Tom. 1.º, pag. 121—Venetia, 1563. Hoje crevem, nos *Annuaire Littéraire*, publicada pela Academia Real das Sciencias, de Lisboa, ligara traduzida esta carta.*

O *Jornal do Brasil*, que tem na sua direcção suprema a individualidade proeminente de Fernando Mendes de Almeida, noticiando o apparecimento do *Brasil-Portugal*, levou a sua gentileza a pôr espontaneamente os seus escriptores ao serviço da Revista, declarando que n'elles se recebem assignaturas para a nossa publicação.

Esta prova de alta camaraderia, e quantas nos chegam dos outros jornaes brasileiros, enchem-nos de gratidão e de incitamento.

SCIENCIA FACIL

PHYSICA RECREATIVA.—A MACHINA DE VOAR DO FUTURO—Não julguem os leitores que lhe vamos dar aqui alguma complicada descripção d'apparehos; nada d'isso; vamos apenas descrever-lhes uma pequena machina que uma creança pode construir n'alguns instantes.



Talha-se n'uma folha de cartão um tanto consistente uma setta, como as settas de papel (A); colla-se uma tira de papel (a) de maneira que os dois ramos da setta se não saquem, e stam-se na especie de quilha que fica na parte inferior dos buscapés (B). Ao lado da gravura está uma outra que representa um corte da machina. (A') é a setta de cartão; (a') é a tira de papel que segura os dois ramos da setta e (B) são os dois buscapés.

Construida a machina basta, para que ella funcione, accender os dois buscapés, dando á setta qualquer inclinação. Os gases desenvolvidos na combustão da polvora reagem sobre a machina, que é assim projectada para a frente. Com a inclinação de 45 graus vai esta machina á maxima distancia a que pode chegar.

Se se quizer fazer o apparelo completo pode estar-se á extremidade da machina uma especie de barquinha onde se mette um rato ou qualquer outro animal não muito grande, que assim faz uma viagem aerea.

ORAVAL.

ARTE DE SER FORMOSA

As mãos femininas

Diz a condessa de Valresson que é mais raro encontrar umas mãos bonitas e bem tratadas do que uma cara bonita. Assim é, e a razão é simples. Em geral ha muito menos cuidado com as mãos do que com o rosto, por que as senhoras, ao mirarem-se ao espelho não cuidam senão d'este. Ficam as mãos descobertas na physionomia alguma estranho, mas pouca attenção prestam em geral ás mãos e ás unhas. E no entanto uma mão bem tratada, com unhas cuidadosamente cortadas, e bem bruniadas, é ainda um dos primores da belleza feminina. Não diz a Condessa, mas é verdade, que o principal motivo d'este delexão é o uso das luvas. Mas as luvas, se encobrem no theatro, nos passeios ou nos bailes, a fealdade da mão, não o podem fazer nos festins, no convivio intimo da sociedade.

É claro que para se conservar bonita a mão, deve haver a abstenção completa de trabalhos grosseiros. As pessoas que descendem de cultivadores, forçados a labores manuaes violentos, tem as mãos largas e os ossos desenvolvidos.

A mão serve ainda para os physiologistas inventarem passatempos. Póde não se acreditar muito n'elles mas nem por isso deixam de ser curiosos.

Segundo a condessa de Valresson, as mãos largas, quadradas, fortemente construidas, denotam um caracter firme e um espirito solidão; dedos curtos, estreitos ou arredondados, indicam correção e espirito firme; dedos allargados, doçura e generalisidade; e dedos allargados e curvos, avareza, egoismo e instinctos vulgares.

A mão mais bonita é a branca, delicada, comprida e estreita, com as veias pouco visíveis. Os dedos devem ser proporcionaes entre si, compridos e carnudos. A cabeça do pollegar não deve exceder a articulação media do indicador, e este deve terminar na altura da raiz de umha do dedo medio; o anelar prolonga-se até meio da unha do medio, e o minimo attingir a articulação das duas ultimas phalanges do anelar.

Mas se o bem feito da mão, nem a todos é possível obter, o que todos podem facilmente conseguir é a pelle fina, macia e muito branca. Mão branca e unhas rosadas são o principal requisito da formosura feminina, e tanto assim é que as senhoras de outro tempo, que não usavam luvas como hoje se usa, porque os miúdos de rendas deixavam bem perceptivel a pelle, n'um requinte de vaidade, inventaram a galanteria de dar a mão a beijar, o que sem contestação é muito mais gentil do que o forte *shakbands*, semsaboro e banal.

Mas trataremos das unhas em outro artigo.

'Stou morto porque não digo tudo *tim-tim por tim-tim*... Pois sempre digo: é sciencia que ensina... não digo o fim.

Quando posta em movimento
Faço o conceito apparecer
Porém esta qualidade
Difficulta-lhe o mister.

Embora seja no mundo,
Em muita coisa empregada
Son ás vezes pelos homens
Cruelmente maltratada.

Lá por eu sempre girar — 1
Não me julgue uma ribeira — 2
Que digo eu?... Não façam caso
que isto é uma brincadeira.

N.º 23

Salto equestre

tão	de-	Não	la-	to	gran-	lha-
co-	men-	ha-	de	do?	par-	quel-
pa-	com	a-	do!	to	va	um
lo	nhe-	di-	pol-	a-	no	
um	ta	a-	só-	dox	E?	par-
caa?	tem	ha	do	mi-	nos,	é
do:	to-	ad-	an-	Quem	a-	ra.

Começa na casa 1.

N.º 24

Charadas decapitadas

(Por syllabas)

Fui 4 — franceza e se não fosse medroso —
uma descompostura no dono porque — de mim
— mais não poder.

A D. — apanhou uma — e vestiu-se de deusa
— para ir ao baile de mascaras — na terça feira
de entrudo.

No fim de cada anno de publicação daremos
a lista completa de todos os decifreadores
e colaboradores das *Horas de Ocio*.

As respostas devem ser dirigidas a

F. A. DE MATOS.

Horas de ocio

N.º 21

Quadro multiplo

L	A	G	U	T	R	O	P	O	R	T	E	U	G	A	L
A	U	T	R	O	P	L	P	R	E	T	E	U	G		
T	R	O	P	L	I	L	P	O	R	T	E	U	G		
U	T	R	O	P	L	I	A	B	A	N	I	L	P	O	R
O	P	L	I	A	B	R	A	N	I	L	P	O	R		
R	O	P	L	I	A	B	A	N	I	L	P	O	R		
U	T	R	O	P	L	I	A	B	A	N	I	L	P	O	R
U	T	R	O	P	L	I	A	B	A	N	I	L	P	O	R
L	A	G	U	T	R	O	P	O	R	T	E	U	G	A	L
L	A	G	U	T	R	O	P	O	R	T	E	U	G	A	L

Quantas vezes se lêem as palavras Brasil-Portugal?

N.º 22

Charadas em verso

Eu já li (onde não sei,
mas o certo é que já li,
que certo homem notavel
havia nascido aqui — 2

Mas, nascesse onde nascesse,
não queremos saber de tal.
O caso é tão importante
que nem mesmo vale um real — 2

CASA FUNDADA EM 1798

JERONIMO MARTINS
& FILHO

FORNECEDORES DA CASA REAL

Loja de Chá
CHIADO, 19.

ARMAZEM DE VIVERES
CHIADO, 13 E 15.

FORNECEDORES DE
MANTIMENTOS PARA NAVIOS

DEPOSITO DE LATAE
CAIXAS COM FRUCTAS PARA EXPORTAÇÃO

Numero Telephonico 221
Endereço Telegraphico, "Viveres"

2 LISBOA

HOTEL DURAND

English Hotel — LISBOA

71, Rua das Flores — Largo do Quintella

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, offerece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes, que, na recepção do nosso jornal hãjam soffrido qualquer irregularidade, pedimos a fizeza de o participarem á nossa administração para tomarmos as devidas providencias.

ESTABELECIMENTO

DE



Ferragens, Quinquilharas
BIJOUTERIAS
Perfumarias finas

Vendas e bordados
Artigos de retrozeiro

BONITO SORTIMENTO

Objectos para brindes

Preço fixo

Vendas por atacado e a retalho

Joaquim J. de Magalhães

PROPRIETARIO DA

PATISSERIE SUISSE

Variadíssimo sortimento de vinhos e licores
nacionais e estrangeiros. Tomam-se encomen-
das de lanches, jantares e sobremesas. Cognac,
champagne, etc., etc. Serviços completos em
prosmopletos.

174. R. d'El-Rei (Vale do Capellães)
LISBOA

M. Saldanha & Comp.^a

Comissões e consignações, ex-
portadores de productos nacionaes
e estrangeiros.

Rua Augusta, 100, 1.^o-E.

Endereço telegraphico—EIXO—LISBOA

V. QUADRI & C.^a

Fabrica de conservas PORTUGAL

Especiaes conservas de todas as qualidades
que exporta para os principaes mercados do
mundo.

LISBOA — Beco da Bica do Sapato
DEPOSITO GERAL

J. Almeida & Com.^a, CONSERVARIA PORTUGAL DE LISBOA
111, R. da Prata, 113



Bobina central

Em machinas de costura é o que ha
de mais maravilhoso.

E' propriedade exclusiva da impor-
tante e acreditada Companhia Fabril
«Singers».

A machina **BOBINA CENTRAL**
reune as grandes qualidades essenciaes de velocidade, dura-
ção, formosura, perfeição e firmeza de ponto.

A PRESTAÇÕES E A DINHEIRO

105, Praça do Loreto, 107—LISBOA
Largo do Conde Barão, 86—Calçada da Graça, 10
111, Rua da Junqueira, 111

PERFUMARIA BALSEMÃO

Perfumes finos recolhidos directamente dos
principaes fabricantes. Finissima *Yolande*
Yolande, fabrico especial para esta casa, a qual
continua a vender a peso desde pequenas quan-
tidades. Bonitas caixas com pó de arroz e vi-
rios objectos de toilette. Sempre novidade em
perfumes.

Celestino Balsemão

R. dos Retrozeiros, 141—LISBOA

Compagnie
des Messageries
MaritimesPaquetes poste français
Linha TRANSATLANTICA

Para Dakar, Pernambuco,
Bahia, Rio de Janeiro,
Montevideo e Buena Ay-
res.

Para passageiros de 3.^a classe
trata-se com José Antonio dos
Santos & C.^a, 4, Praça dos Re-
molcaes.

Para carga, passagens e todas as
informações, trata-se na agen-
cia da Companhia, R. Avares, 30.

Para a Compagnie des Messa-
gies Maritimes—*Soc. Turloides*.

Gravura de sellos d'armas,
brazões, monogrammas, para mar-
car com tinta, em lacre ou alto relevo. Carimbos de
borrachã e de metal em todos os generos. E.
specialidade em lãstretes de vicieta. E. E. da In-
sua—gravador, successor de Figueiredo—gra-
vador da Casa Real.

Casa fundada em 1859

157, Rua do Ouro, 159

e R. da Victoria, 88 e 100 (junto à Igreja)

COMPANHIA

de
Mossamedes

Sociedade anónima

Capital Rs. 2.475.000\$000

Ações de 4\$500 réis

Sede social em Lisboa

90, Rua de S. Julião

Comitê da Direcção:

4, Rue Le Peletier, Paris

* Administrador delegados:

Antonio Julio Machado

COMPANHIA

S. Vicente de Cabo Verde

Sociedade anónima

Capital Rs. 585.000\$000

EM

AÇÕES DE RS. 585\$000 CADA UMA

Sede social: Lisboa

12, Largo de S. Julião

Comitê da Direcção em Londres

4 Fenwick Avenue

Grandes depósitos de carvão em
S. Vicente de Cabo Verde, das ma-
ns—*Fernandes*—A maior rapidez
no embarque.

Endereços telegraphicos:

Codes used—Mindello—Lisboa.

a. b. c. Scotta—Mindello—Londres.

and «Waldras»—Mindello—S. Vicente.

Administrador delegados:

Antonio Julio Machado.

Livraria Chardon
de Lello & Irmão, PORTO

BENSABAT

O Italiano, Inglez, Francez e Allemão sem
mesmo. Cada volume 1\$500 réis.
envia-se o catalogo geral a quem o requisitar.

Antonio Nicolau d'Almeida, Valle & C.^a

Escritorio:

Rua da Porta do Sol, PORTO

Grandes depósitos de vinhos
de todas as regiões de Portugal.
Vinhos presentados em todas
as exposições e que tem con-
tornado

Casa fundada em 1870.

Marca registada



Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

J. NUNES CORRÊA & C.^a

Rua do Ouro, 40, 48 e 44; Rua de S. Julião, 150, 158, 154 e 156 — LISBOA

Proprietários com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se
em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.

ALFAYATES

Grande sortimento de machinas de R. anão-
nates e estrangeiras.
Deposito de lãstretes na Alfândega para ex-
portação.—Armas de fogo para homem, grande sortimento para revolver destinado especialmente a serviço de Alferes.

José da Fonseca & Filhos

Rua de S. Julião, 166, 1.^o

LISBOA